

INICIAÇÃO NO TEXTO ACADÊMICO: COMO ESCREVER COM CORREÇÃO.



Maria da Luz Lima Sales



**INICIAÇÃO NO TEXTO ACADÊMICO:
COMO ESCREVER COM CORREÇÃO.**

Maria da Luz Lima Sales

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sales, Maria da Luz Lima

Iniciação no texto acadêmico [livro eletrônico] :
como escrever com correção / Maria da Luz Lima
Sales. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2021.

PDF

ISBN 978-65-00-16676-7

1. Redação acadêmica 2. Redação técnica
3. Textos - Produção 4. Trabalhos científicos -
Redação I. Título.

21-55481

CDD-808.066378

Índices para catálogo sistemático:

1. Textos acadêmicos e científicos : Redação
808.066378

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

DOI DO LIVRO: 10.48209/978-65-00-16676-7

**1.ª Edição - Copyright© 2021 da Autora.
Revisão: Paulo Rafael Bezerra Cardoso**

Índice

Palavras iniciais.....	7
Como escrever um texto acadêmico?.....	9
Diferença entre artigo e ensaio acadêmicos.....	11

Primeira Parte

Alguns aspectos gramaticais e indispensáveis.....	12
I - A sintaxe (de concordância, regência e colocação)	13
1. Falta de coesão e coerência na redação	13
2. Adjunto adverbial e sujeito confundidos no texto	15
3. A concordância de verbos e nomes.....	16
4. A regência de verbos e nomes	19
5. A colocação do pronome pessoal oblíquo	21
6. O pronome demonstrativo	22
7. A pontuação	23
8. O uso do infinitivo	28
9. Os pronomes possessivos	29
10. O uso do pronome relativo	31
11. Diferença entre oração adjetiva restritiva e explicativa	33
II - A acentuação gráfica.....	35
1. A prosódia	35
2. Diferenças entre as paroxítonas e as proparoxítonas	36
3. Diferenças entre as paroxítonas terminadas em ditongo e em hiato.....	37
4. Acentuação das formas verbais	38

Segunda Parte

O que devemos evitar em um texto acadêmico?	39
1. A inclusão do leitor	39
2. A inclusão do autor	40
3. Os coloquialismos	40
4. Os chavões	40
5. As ambiguidades	41
6. Os trechos truncados	41
7. A inadequação vocabular	42
8. As repetições	43

Terceira Parte

Alguns aspectos específicos do texto acadêmico: as citações	44
1. As citações diretas.....	44
2. As citações indiretas.....	46
3. As citações soltas.....	47
4. A fidedignidade	48
5. Atenção aos detalhes.....	48
6. A pontuação na citação.....	50
7. O plágio.....	51
Anexos e Apêndices.....	51
Palavras finais	52
Referências bibliográficas.....	54

A meus pais, Carolina e Francisco, a quem sou infinitamente grata por tudo o que me proporcionaram, sobretudo, a educação.

Palavras iniciais

Para escrever bem é necessário ler bem! Um bom livro – de qualquer gênero, contanto que seja de qualidade – nos conduz a uma boa redação, que vai desabrochando aos poucos em nossa vida naturalmente. Porque com esse artefato tão antigo aprendemos a pensar, a refletir, a organizar nossas ideias primeiro na mente e depois no papel ou, hodiernamente, nos computadores, celulares, tablets etc. Existem, entretanto, algumas regras gramaticais que também nos ajudam a expressar nossas ideias e argumentos de forma clara, objetiva e correta, como deve ser principalmente, quando tratamos do texto acadêmico ou científico. Organizei algumas dessas regras que os ajudarão a melhorar os rendimentos relacionados à parte escrita do texto, seja ele um artigo, um ensaio ou outro tipo de redação.

Tais orientações foram se consubstanciando como um resultado de anos de trabalho como professora de língua portuguesa, de literatura e redação com alunos em níveis fundamental, médio e superior, incluindo orientações e revisões de acadêmicos de Letras e de variados cursos e áreas, corrigindo trabalhos de mestrado e doutorado. Os/As estudantes encontram dificuldades variadas, porém as mais frequentes são mesmo os erros gramaticais, isto porque uns não estão habituados à leitura atenta e ao exercício de escrever e reescrever seu texto – trabalho essencial a quem escreve. Trata-se de erros comuns que, se bem observados e diagnosticados, serão corrigidos para serem evitados prontamente, pois referem-se a dificuldades fáceis de resolver com exercícios, boa leitura e força de vontade. O caminho é só um: ler, compreender o texto e escrever sobre o que foi lido. Assim, iremos sanar toda e qualquer dificuldade na redação.

Escrever é difícil, dizem até os próprios escritores, poetas e demais profissionais especializados, meramente porque precisamos ser originais e a originalidade é dizer o que nunca foi dito! Parece que tudo já foi dito! Mas para ser original é preciso, simplesmente, pensarmos com nossa própria cabeça e, sobretudo, não copiar nada do que o outro escreveu ou falou, afinal, tratar-se-ia de plágio, um crime previsto em lei. Claro que o texto acadêmico é diferente dos demais por exigir que pesquisemos o que os teóricos e cientistas escreveram para termos a tão almejada base teórica e devemos

basear-nos, em todos os momentos, neles, porém sempre registrando suas palavras, fazendo-lhes referência, anotando o nome do autor, o ano de publicação da obra e as páginas exatas por uma questão de fazer justiça com o autor, cientista, escritor, poeta, professor, filósofo e/ou outros. Mas mesmo lendo em mil e uma fontes alheias, vamos sempre tirar nossas conclusões acerca do que lemos, pois o artigo, o resumo, o fichamento, a resenha acadêmica são o resultado de muito estudo, pesquisa, investigação, que nos acompanharão em nossas descobertas a um mundo de saberes tão desconhecido quanto deslumbrante.

Hoje se lê e se escreve muito, mas muito dessa leitura é desatenta, fragmentada, pois, vivendo a era da informação, temos sede de notícias, de fatos novos que são veiculados a todo instante de forma frenética, exacerbada, tornando-nos carentes de boa informação, daquilo que realmente precisamos para o estudo científico. Claro que as notícias são necessárias a fim de que não nos tornemos alienados, mas o problema está no excesso, na desmedida que extenua a todos nós. Lê-se muito, mensagens e notícias nas redes sociais, mas e as obras clássicas, a literatura universal? Essa está esquecida por muitos que se dedicam apenas à leitura de livros comerciais, os best-sellers, autoajuda, romances feitos a partir de séries e filmes, obras que não nos levam a uma boa reflexão, a pensarmos sobre a vida e o mundo em que vivemos. A leitura é superficial a maior parte das vezes.

Escreve-se em demasia. Sim, mas apenas frases mínimas, às vezes entrecortadas, para que cheguem rapidamente a um destinatário muitas vezes desatento. E a linguagem que se aplica, se pensarmos nos dias hodiernos, é coloquial, linguagem esta que não pode ser utilizada em textos acadêmicos, por ser informal e usar de gírias e coloquialismos, quando não, vulgaridades. Essa linguagem é adequada somente em meios também informais, com amigos, familiares, mas quando se escreve um artigo, por exemplo, devemos usar a modalidade formal da língua e selecionar o vocabulário, atentar para a clareza e correção gramatical a fim de que o texto tenha êxito.

Para quem deseja arregaçar as mangas, o convite está feito àqueles que gostam de estudar, que encontram prazer em descobrir o novo, o conhecimento. Vamos?

Como escrever um texto acadêmico?

Para responder a essa questão, inicialmente precisamos ter em mente como deve ser o estudo com textos acadêmicos e a redação destes. Precisamos nos dedicar à leitura, se quisermos desenvolver o senso crítico, a reflexão, bem como proceder a uma boa análise dos textos que lemos. Como ideia inicial para um estudo eficiente, Medeiros (2019, p. 8) recomenda atenção à memória, fator elementar a quem quer dedicar-se aos estudos e, com base em suas pesquisas – a quem deseja firmemente obter sucesso em seus estudos e fixar o que estudou na lembrança –, devemos traçar o seguinte caminho a percorrer nessa empreitada:

Vivência → Atenção → Relevância → Consolidação → Organização da informação

A vivência, primeiro aspecto apontado por Medeiros (2019), significa nos inteirarmos do tema, conhecermos seus detalhes e relevância para a matéria tratada. Viver, vivenciar, experienciar o tema ou parte dele, aproximarmo-nos de suas particularidades para retermos na mente, eis o início do caminho. Depois, atenção ao que se está estudando para não cair no esquecimento, pois tudo o que não vemos e revemos se esvai. É necessário revisão e revisão contínuas para se chegar à relevância. Muitos são os detalhes do que pesquisamos, mas faz-se urgente uma seleção do que mais interessa ao nosso campo de saber, uma vez que a delimitação do tema nos afasta do erro de nos perdermos num mar de novos conhecimentos. Para isso, devemos nos perguntar repetidamente: isso é realmente importante ao meu tema? O que me dará resposta(s) ao que desejo conhecer?

A partir daí, de respondermos às questões citadas e sermos objetivos a elas, já consolidamos na memória (e nosso estudo) o que queremos e, então, podemos partir para a organização, ou seja, mantermo-nos fiéis aos nossos propósitos de seguir um só caminho de estudo, pronto a solucionar as dúvidas que surgirão durante o trajeto. A organização é a chave da conquista do sucesso a quem se propõe um estudo sistemático e eficiente.

Sabemos que o texto acadêmico nos leva, logo de início, a uma problematização. Sempre se escreve sobre algo que gera (ou gerou) conflito, e esse conflito é o que nos

moverá a um estudo dele a fim de encontrar uma possível saída, resposta ou solução. Se queremos estudar algo, precisamos de dedicação e paixão. Quando simpatizamos com um tema, torna-se mais fácil nos debruçarmos sobre ele, o estudo fica mais leve e, à medida que o vamos conhecendo, mais nos interessamos por suas particularidades e características singulares. Tudo regado a muita organização, pois esta nos concentra no assunto exato e não deixa nos perdermos em fatos e/ou singularidades desnecessárias.

Ao longo de décadas de combate com a gramática, com textos escritos por estudantes de variados níveis, deparamo-nos com a ideia de que a gramática é algo distante e enfadonho: amontoados de regras e mais regras inacessíveis à maioria. Também percebemos que as dificuldades eram as mesmas apresentadas por alunos e alunas, incrivelmente sempre a cometerem falta de concordância, de regência, não acentuavam as palavras corretamente, inadequação vocabular, não usavam a crase, tampouco pontuavam como deveriam as frases, orações e períodos.

Então, partindo dessas observações repetidas, elaboramos uma espécie de manual, o qual trabalha as dificuldades apresentadas pelos alunos em seus textos escritos, em sua própria redação. Trabalhar no ponto nevrálgico, no x da questão, na dúvida rotineira, nas falhas mais constantes apresentadas por estes. Fomos reunindo anos a fio recortes de tais dificuldades e apresentamos (quase como se estivéssemos conversando com os/as estudantes) uma proposta nova de trabalho com o texto. Se olhar atentamente a elas, quem sabe descobrimos os problemas e deixamos de cometê-los?

Na sequência, chamamos atenção para algumas constantes falhas na construção dos textos, inclusive os acadêmicos. Você encontrará, ao longo deste livro, fragmentos de textos escritos pelos próprios estudantes (sempre destacados em itálico e com outro tipo de letra, iniciados e terminados por reticências, entre parênteses, por se tratar de trecho de outro autor) em sua jornada em busca de conhecimento e, no final das contas, de autoconhecimento, uma vez que viver é conhecer(-se). Não se trata de destacar a falha (ou erro), mas de aprender com nossas próprias dificuldades, aliás, uma das formas clássicas de aprendizado mais universal que existe e que colabora, acredito eu, para suplantarmos nossas limitações e avançarmos sempre.

Diferença entre artigo e ensaio acadêmicos

Antes de mais nada, façamos uma distinção entre dois importantes textos acadêmicos: o artigo e o ensaio. Ambos são trabalhos a partir de leituras atentas ao que os teóricos quiseram transmitir em seus livros: ideias que vão aperfeiçoar os estudos de possíveis leitores e estudiosos do tema abordado. O primeiro, o artigo, requer uma metodologia rigorosa, pois, ao escolher o assunto a estudar, deve-se problematizá-lo e escolher a metodologia a ser seguida, como rota de chegada a conclusões ao fim do texto.

Enquanto o artigo se atém a comprovar uma tese, um argumento, por meio de estudo, comparações, entrevistas, dados estatísticos, discussões e seguindo um método científico; o segundo, o ensaio, é menos criterioso, pois brota das leituras feitas pelo autor e pode conter suas reflexões pessoais, mas sempre com base teórica, adquirida através de estudo, pesquisa e conclusões. Não se trata de “achismo” ou de mera opinião pessoal, mas de um resultado a que se chegou através de muita leitura e reflexão, traduzido em redação, em palavras, mas não menos confiável que o artigo.

Se você tem dificuldade de escrever um artigo, comece pelo ensaio. Ele o ajudará nessa trajetória de estudo, pois é mais livre, menos rigoroso que o artigo. Escolha um tema de seu gosto (importante escrever sobre algo com o qual se identifica ou se gosta) e comece lendo tudo o que puder sobre ele. Vá anotando numa pasta de computador ou em um caderno suas observações sobre o tema e as partes (frases, parágrafos) que encontrar (as citações) e organizando tudo, com cuidado de pôr os detalhes sobre o(s) nome(s) do(s) autor(es), a(s) página(s) de livros, artigos, ano de publicação. Você precisará dessas informações importantíssimas, pois elas comporão, mais sua reflexão pessoal sobre o tema, seu trabalho acadêmico. Tudo o mais é exercitar.

Uso aqui, apenas a título de exemplificação, dois trechos, um de um artigo e outro de um ensaio (suas palavras finais), ambos escritos por mim:

Exemplo de trecho de artigo de Sales (2013, p. 108)¹:

1 Tomei a liberdade de citar, nesta obra, alguns trabalhos de minha autoria, que aparecem ao final desta, nas referências bibliográficas, quando publicados.

(...) Fedro, fabulista latino do século I da Era Cristã, Charles Perrault e La Fontaine (no século XVII) inspiraram-se nas histórias contadas pelo povo, ou copiavam tais narrativas simplesmente como as ouviam literalmente. Trabalharam copiosamente com esse universo de sabedoria, rico e original, em suas coletâneas, retiradas da tradição popular, contos fabulosos que encantaram e encantam gostos e idades diferentes e, ao mesmo tempo, ensinam, pois é necessário que a narrativa traga sua dose de sabedoria, como reforçou Benjamin (1994).

(Note que a afirmação desse texto é feita com base na leitura de teóricos.)

Agora, um exemplo de trecho de ensaio (Sales, 2014, p. 6) não publicado:

(...) Enfim, não se trata de mais uma narrativa da vida de uma prostituta pobre da Amazônia, tampouco de uma obra cujo tema central recai em simples propaganda ideológica com cunho social. Na verdade, Salomão Larêdo nos convida a conhecer toda a riqueza de uma personagem que, mesmo paradoxal, nos mostra a necessidade de nos humanizarmos e lutar pela justiça, por um porvir melhor, nestes dias em que a injustiça se faz cada vez mais presente. Sibebe representa o sofrimento humano no grito dos pequenos e subjugados, incluindo o das mulheres de todas as idades espalhadas pelos rincões da Amazônia e do mundo.

(Já, nesse texto, há ideias subjetivas que expressam a visão de mundo do autor:

“a necessidade de nos humanizarmos”.)

Primeira Parte

Alguns aspectos gramaticais e indispensáveis

As falhas gramaticais implicam falta de coesão e coerência na redação. Uma das práticas mais comuns entre os estudantes é iniciarem frases, orações, períodos e pensamentos e os deixarem incompletos. Isso deve-se, principalmente, à pouca leitura ou leitura desatenta. Toda a vez que se escreve algo deve-se ler aquilo que se escreveu, tomando cuidado para ver se o que está escrito tem sentido.

A sintaxe refere-se à parte da gramática que trata das frases, orações, períodos e sua ordem no texto. Será que as palavras concordam entre si? As partes das frases, orações e períodos estão em concordância? Harmonizam-se umas com as outras? Quem cuida dessa concatenação é a Sintaxe. Nela estudamos a relação entre verbos, conjunções (termos que ligam palavras e frases verbais) e demais vocábulos e se estão colocados de modo claro ao leitor.

I - A sintaxe (de concordância, regência e colocação)

1. Falta de coesão e coerência textuais na redação

É necessário não deixar frases ou orações soltas. Quando iniciar uma oração, termine-a. Leia sua frase com atenção após escrevê-la para ver se há nela coerência (sentido): começo, meio e fim. Ela precisa ter sentido completo.

Exemplo de falta de coesão e coerência:

(...) Além disso, na segunda parte, a prisão em decorrência da acusação de ser um dos inconfidentes. Nesta parte, o eu lírico é tomado por pessimismo (...)

Essa frase está incompleta e, por conseguinte, sem lógica. Não deveria haver ponto final e sim, vírgula após a palavra “inconfidentes”. Em seguida, dever-se-ia dizer algo sobre a prisão, já que se estava falando sobre ela. Quando as pessoas começam a escrever e usam orações e períodos muito longos – às vezes intercalados –, geralmente se perdem quanto ao início da frase, gerando falta de coesão (e de coerência). Deixemos o fragmento mais coerente e coeso:

Além disso, na segunda parte, a prisão em decorrência da acusação de ser um dos inconfidentes foi motivo de pessimismo em sua obra poética. Nesse episódio, ...

Mais um exemplo de falta de coesão e coerência na redação:

(...) Para um homem ter vontade de matar embutida em seu coração, não há razão para o medo, ou uma pressão social equivalente a vontade em si. (...)

Vejamos os problemas desse trecho:

a) embutido (que se embutiu), do verbo embutir (introduzir em abertura ou em um vão. Pôr à força. Engolir.). Não está errado mas trata-se de uma palavra que não combina com o texto, uma **inadequação vocabular**, portanto.

b) o trecho “equivalente a vontade em si” necessita de acento grave (´) indicador da crase. O termo “equivalente” é transitivo, isto é, precisa de complemento: se equivale, equivale a algo/alguém. “Equivaler” significa ser igual, igualar-se a algo ou a alguém no valor. Esse complemento nominal² exige crase: (...) equivalente à vontade

2 Assim como o complemento verbal (objeto direto e indireto) completa o sentido do verbo transitivo, o complemento nominal completa o sentido de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) que precisa de complemento (com preposição), pois tem sentido incompleto. Exemplo: As unhas eram semelhantes a garras. Nesse exemplo, semelhante é o termo incompleto (se é semelhante porque é semelhante a algo/alguém) e deve, portanto, ser complementado. O termo “a garras” é

em si.

Melhorando esse excerto: Para um homem que sente vontade de matar, não haveria razão para o medo já que seu coração está cheio de ódio e desejo de vingança, impulsionando o destemor. Imaginamos qual a razão de tal comportamento: seria uma pressão social?

Observe que escrever é pensar no que se escreve, organizar as ideias — e isso se consegue com treinamento, com leitura atenta. Escrever é reescrever, arrumando o texto, tecendo-o aos poucos a fim de que ele tenha sentido. O trecho produzido anteriormente não é um texto de verdade, mas apenas palavras postas “no papel” (no computador), sem obedecer a uma estrutura própria (sintaxe). Todo texto tem de dizer algo a alguém. Tem de comunicar da melhor forma possível. Se não cumpre esse propósito não é texto. A palavra texto vem do latim *textum*, tecido, algo que se teceu. O texto compõe-se de fios (linhas) como um tecido, que vão se entrelaçando e constituindo o que costumamos chamar de discurso. E para escrever bem precisamos conhecer algumas regras básicas as quais compõem nossa língua.

Temos de ter em mente que a linguagem falada é diferente da escrita, ambas ricas em expressões próprias do contexto em que se inserem. Para falar, precisa-se de uma série de estratégias de linguagem: expressões faciais, corporais e linguísticas, que ajudam o texto (fala, discurso) a ser claro e legível ao receptor, o destinatário da mensagem veiculada. Quando você fala, não se preocupa (muito) com as regras gramaticais, mas existe o mínimo de leis da língua que ajudam no entendimento (se não houvesse nenhuma gramática, ninguém entenderia ninguém).

A linguagem escrita também é rica em ênfases, locuções, neologismos, entonações, pontuações, recursos estilísticos variados para se conseguir uma boa concatenação de ideias. As palavras são articuladas mais ou menos livremente (sem a necessidade de pormos vírgulas, se bem que na fala nós usamos as pausas, estas são obrigatórias assim como aquelas na escrita), saem de nossa boca naturalmente e o que se torna mais importante é a comunicação, é você se fazer entender, ser claro e coerente.

o complemento nominal. Observe que ele apresenta preposição obrigatória (a). Isso significa dizer que se a frase fosse: “A carta era semelhante ao documento”, teríamos a contração da preposição “a” mais o artigo masculino “o” (ao) e se ainda tivéssemos outro exemplo: “O documento era semelhante à duplicata”, iríamos ter crase da preposição “a” mais o artigo feminino “a” (à). Isso tudo porque a crase é a fusão de dois aa, conforme veremos mais adiante.

2. Adjunto adverbial e sujeito confundidos no texto

Adjunto adverbial:

O adjunto adverbial exprime uma circunstância ligada ao **verbo** (Ela canta *lindamente!* – Aqui é o modo como ela canta.), ao **adjetivo** (Seu vestido é *muito* bonito! – Aqui há uma intensificação do adjetivo qualificativo “bonito”.) e a outro **advérbio** (Você leu muito *bem*. Parabéns! – Aqui há uma intensificação do advérbio bem).

Sujeito:

O sujeito é o “ser” do qual se declara/informa algo. Exemplos: Você é muito inteligente. (Algo é declarado acerca de alguém: que é muito inteligente. Então o sujeito é *Você*. Ou: O presidente declarou que não iria dar um centímetro de terra aos indígenas. Quem declarou? – o presidente. Então, “O presidente” é o sujeito da oração).

A confusão entre sujeito e adjunto adverbial se dá porque, ao se iniciar uma frase, nem sempre o fazemos com o sujeito da oração, gerando desorganização entre este (o sujeito) e o predicado (ocorrido a partir do verbo ou ação verbal). Às vezes, começa-se com um adjunto adverbial (expressão que dá uma circunstância de tempo, modo, dúvida, lugar etc., semelhante ao advérbio).

Exemplo desta inadequação:

(...) No segundo texto, está se referindo a um gênero épico (...)

Pode-se escrever essa oração de dois modos mais adequados:

a) O segundo texto está se referindo a um gênero épico.

(O sujeito é “O segundo texto”, pois está se falando do segundo texto. Para saber-se qual é o sujeito de uma oração, deve-se perguntar ao verbo: Quem? ou O quê? Nesse caso, Quem está se referindo? Resposta: “O segundo texto”, pois é o termo que está se referindo a um gênero épico.)

b) No segundo texto, há uma referência a um gênero épico. (Aqui o **local** em que há uma referência é **no segundo texto**. Advérbio ou adjunto adverbial de lugar).

Outro exemplo idêntico:

(...) Na primeira parte tem como tema a liberdade. (...)

A frase desse modo está sem sentido. **A primeira parte** é que tem como tema a liberdade. O sujeito, portanto, é “A primeira parte” pois ela é que tem como tema a liberdade. Usando a preposição “em” junto com o artigo “a” (em + a = na: **Na** primeira parte...) transformamos, equivocadamente, o adjunto adverbial de lugar³ em sujeito. Onde? – Na primeira parte [do texto].

3. A concordância de verbos e nomes

A concordância pode ser verbal (do verbo com o sujeito) e nominal (dos nomes entre si: substantivos, adjetivos, pronomes, artigos...).

De nada adianta ficar estudando, horas e horas lendo e relendo as inúmeras regras de Concordância Verbal e Nominal. Ao invés disso, atente para as palavras que você emprega em suas próprias frases e orações ou às passagens dos livros que lê. Lá você encontrará todas as regras de Concordância sem precisar decorá-las ou estudá-las de modo enfadonho. Lendo bons autores (chamo atenção aos autores de Literatura brasileira: Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, José J. Veiga, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e tantos outros. Valorize os nossos poetas, contistas, romancistas, dramaturgos!), além de você descobrir outros pontos de vista (do escritor e intelectual), aprenderá naturalmente e de modo agradável todas as leis gramaticais, além de aprender (sem professor) sobre pontuação, acentuação, uso dos verbos etc. e formas elegantes de redigir um bom texto.

Concordância do objeto:

(...) Dirceu jamais será capaz de esquecer as feições de Marília. Aprendera-a desde a primeira vez que a vira. (...)

Nesse fragmento, a concordância deveria ser feita com a palavra “feições” (objeto direto⁴), que está no plural. Então, ele (Dirceu) aprendera as feições (aprendera-as) desde a primeira vez que a vira (que vira Marília). Por isso, o objeto direto ficará no plural também. Então, o apropriado seria escrever: Dirceu jamais será capaz de esquecer as feições de Marília. Aprendera-**as** desde a primeira vez que a vira.

Outro caso de falha na concordância:

(...) É importante ressaltar alguns princípios fundamentais sobre possíveis detalhes

3 Os adjuntos adverbiais expressam circunstância: de tempo (**Hoje** amanheci doente.), modo (Agia **deliberadamente** como um louco. Ou seja: o modo como agia era de propósito.), lugar (**Aqui** se trabalha! – Aqui é o lugar onde se trabalha.), afirmação (**Sim**, eu quero.), negação (**Não** te amo mais!), causa (**Com a seca**, todo o rebanho emagreceu.), intensidade (Gosto **muito!**) etc.

4 Objeto direto é complemento verbal (completa o sentido do verbo): Aprendi uma lição. (Quem aprende, aprende algo. Aprender é verbo transitivo direto e “uma lição” é objeto direto.) Cantei uma bela canção. (Quem canta, canta uma canção. Cantar é verbo transitivo direto e “uma bela canção” é o objeto direto.)

evidentes na mitologia greco-romana, *tal como a linguagem mitológica (...)*

A palavra empregada “tal”, nesse trecho, deveria concordar com “princípios”, flexionando-a no plural (tais): É importante ressaltar alguns princípios fundamentais sobre possíveis detalhes evidentes na mitologia greco-romana, **tais** como a linguagem mitológica...

Agora temos um caso de falta de concordância verbal:

(...) pois quer que a justiça percebe. (...)

O mais apropriado seria: (...) pois quer que a justiça perceba...

Nessa oração, usou-se o verbo perceber no presente do subjuntivo (é bom que eu perceba... que tu percebas... que ele ou ela perceba... que nós percebamos... que vós percebeis... que eles ou elas percebam). A concordância precisa ser feita na linguagem formal, própria do texto acadêmico.

É comum a confusão entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, mas é bom saber a diferença entre ambos. Enquanto o modo indicativo tem ações mais certas de acontecerem (A justiça percebe), o subjuntivo é mais incerto (É necessário que a justiça perceba), hipotético, condicional.

Outro caso de falta de concordância verbal:

(...) Exponho essas reflexões, pois não devemos esquecer o que nós constitui como (...)

Há necessidade da concordância do pronome pessoal “nós” com o verbo no pretérito perfeito do indicativo: “constituímos” (eu constituí, tu constituíste, ele ou ela constituiu, nós constituímos, vós constituístes, eles ou elas constituíram). A forma de acordo com a norma culta seria: Exponho essas reflexões, pois não devemos esquecer o que nós constituímos como... Ou ainda: Exponho essas reflexões, pois não devemos esquecer **o** que nos constitui como...

Aqui a concordância é diferente, ela se faz do sujeito (o = aquilo) com o verbo no presente do indicativo “constitui”: aquilo constitui. Observemos que o pronome pessoal “nos” do caso oblíquo não tem acento gráfico. É diferente de nós (pronome pessoal do caso reto), com acento agudo pois trata-se de uma palavra tônica, um monossílabo tônico.

(...) Entendo que há vozes de alfabetização, que não havia sido apresentada na esfera acadêmica (...)

Há que se concordar, nessa frase, o verbo haver no plural, uma vez que esse verbo refere-se à palavra “vazes”. Outra concordância necessária é com a palavra “apresentada” também por referir-se à mesma palavra “vazes”.

A frase mais apropriada seria: Entendo que há vozes de alfabetização, que não **havam** sido **apresentadas** na esfera acadêmica... (porque as vozes não haviam sido apresentadas)

O verbo “haver” só não vai para o plural quando for impessoal (sem pessoa, sem sujeito), isto é, quando estiver usado no sentido de **existir**. Se tratar-se de verbo auxiliar (com sinônimo de **ter**) o verbo “haver” flexiona-se no plural normalmente. No exemplo, se trocarmos “haver” por “ter”, teremos: Entendo que há vozes de alfabetização, que não **tinham** sido apresentadas na esfera acadêmica...

Mas o verbo “haver”, se impessoal, ou seja, sem sujeito, não sofre flexão de número. Fica no singular. Nesse caso, tem sentido de existir, ocorrer, ter. Veja alguns exemplos:

Havia muitas pessoas interessadas no prêmio. Existiam muitas pessoas...

Houve muitos progressos. Ocorreram muitos progressos.

Havia dois alunos na sala. Tinham dois alunos na sala.

Quando o verbo “haver” formar uma locução verbal⁵, também será impessoal, com **dever, ir, poder**:

Deve haver muitos prêmios literários. Há muitos prêmios literários

Irá haver provas bimestrais. Haverá provas bimestrais.

Poderia haver sérias consequências. Haveria sérias consequências.

(...) e que mudando a ordem das letras formam-se palavras novas que não remete a algo [à palavra inicial]. (...)

Esse segmento apresenta problema de concordância pois o verbo “remeter” liga-se ao termo “palavras”, o qual está no plural. Portanto, o verbo, obrigatoriamente, também sofrerá flexão de número: (...) e que mudando a ordem das letras formam-se palavras novas que não **remetem**...

(...) Outra voz que marca minha experiência com a alfabetização é o processo discursivo, compreendida como (...)

Esse excerto também não manteve a concordância das palavras, pois o vocábulo **compreendida** deveria ligar-se com o termo **processo** e não com **alfabetização**. Reescrevendo-o, teremos: Outra voz que marca minha experiência com a alfabetização é o processo discursivo, **compreendido** como...

(...) E a partir dessas pequenas “interpretações de texto” instaura-se os primeiros conhecimentos (...)

Novamente, o verbo “instaurar-se”, que está flexionado como **instaura-se** deveria estar no plural, concordando com “os primeiros conhecimento”: E a partir dessas

5 É a somatória de um verbo auxiliar mais uma forma nominal (infinitivo, gerúndio e particípio): Deverei trabalhar amanhã (verbo auxiliar: dever + trabalhar: infinitivo).

pequenas “interpretações de texto” **instauram-se** os primeiros conhecimentos...

Lembrando que o sujeito dessa oração é “os primeiros conhecimentos”, então, transformando a oração teremos: “os primeiros conhecimentos são instaurados”, o verbo vai para o plural.

(...) *Desta forma, encontra-se pontos de vista de como iniciar o processo de alfabetizar*
(...)

Essa frase apresenta outro caso de falta de concordância, pois o verbo “encontrar” tem de concordar com o sujeito que está no plural: “pontos de vista”. Flexionando-se adequadamente, teremos: Desta forma, **encontram-se** pontos de vista de como iniciar o processo de alfabetizar.

4. A regência de verbos e nomes

A regência pode ser verbal (do verbo com o complemento) e nominal (do nome com o complemento).

A palavra regência tem os cognatos: reger, regente, régio, rei. Reger é comandar, reinar. O rei ordena, manda. Os verbos também mandam, exigem complementos, os chamados complementos verbais. Há basicamente dois: o objeto direto e o objeto indireto. Alguns verbos exigem o emprego de determinadas preposições na língua culta: são os verbos transitivos indiretos, que necessitam de preposição no complemento: de, a, com, em etc. Exemplos:

Preciso **de** você. (Quem precisa, precisa **de** alguém ou **de** algo) “de você” é objeto indireto.

Assisti à cena. (Quem assiste, assiste **a** algo) “à cena” é objeto indireto.

Conto **com** você. (Quem conta, conta **com** alguém ou **com** algo) “com você” é objeto indireto.

Acredito **em** você. (Quem acredita, acredita **em** alguém ou **em** algo) “em você” é objeto indireto.

Pois todos esses complementos têm preposição.

Quem proporciona, proporciona algo **a** alguém. Esse verbo exige dois complementos: um objeto direto (algo) e um objeto indireto (a alguém), não necessariamente nessa ordem. Tomemos o exemplo:

(...) *Podemos observar, no parágrafo abaixo, que a mulher deveria ser devota aos seus filhos e marido, seu dever era proporcioná-los uma boa educação. (...)*

Novamente esse período está sem coesão (falta de uma boa ligação entre as partes do texto) e coerência (tal problema de coesão afeta o sentido da frase). O verbo proporcionar aparece com complemento inadequado: “proporcioná-**los**”. A ideia é

esta: “a mulher deveria ser devota (...), seu dever era proporcioná-los uma boa educação”, ou seja, deveria proporcionar uma boa educação aos seus filhos e ao marido. O redator se confundiu pois a mulher deveria educar os filhos e não o marido. Além do mais, existe um solecismo⁶. Quando digo “proporcioná-los”, estou usando o verbo apenas como transitivo direto: proporcionar algo (no caso, plural: algumas coisas). Mas o autor do texto queria dizer “proporcionar-lhes”, isto é, proporcionar a eles, aos filhos. A redação deveria ser reescrita da seguinte forma: O dever da mulher era proporcionar uma boa educação aos filhos. Ou: Proporcionar-lhes uma boa educação. Mas não ao marido pois ele, subentende-se que já seja educado.

Reescrevendo a frase adequadamente: Podemos observar, no parágrafo abaixo, que, segundo os padrões de comportamento feminino daquela época, a mulher deveria ser devota ao marido e seu dever era proporcionar aos filhos uma boa educação.

A expressão “devido” exige (rege) a preposição **a**. Se é devido, porque é devido a algo ou a alguém. Ou seja, devido é uma palavra transitiva, isto é, precisa de complemento com preposição (**a**).

Exemplo do uso indevido da expressão **devido**:

(...) seu sentimento por Maria permanece imutável devido seu amor incondicional. (...)

A oração mais apropriada seria: *(...) seu sentimento por Maria permanece imutável devido **a** seu amor incondicional.*

Quando o termo **devido a** vem seguido de palavra feminina, deve-se usar o acento grave indicador da crase. Observe que, com palavra masculina, há combinação da preposição **a** com o artigo masculino. Exemplos:

Devido à crise, tivemos de improvisar na questão financeira.

Devido aos acontecimentos, tivemos de improvisar na questão financeira.

A crase está ligada à regência verbal e nominal, pois algumas palavras (verbos e nomes) regem, exigem preposição. Observemos o excerto:

(...) e que mudando a ordem das letras formam-se palavras novas que não remetem a palavra inicial. (...)

No enunciado acima, aparece o verbo **remeter**, transitivo direto e indireto (remeter algo a alguém) seguido da preposição “a”. Dever-se-ia pôr nesse “a” o acento grave (´) porque não se trata de um “a” apenas, mais de dois em uma contração da preposição “a” + artigo “a”: (...) e que mudando a ordem das letras formam-se palavras novas que não remetem à palavra inicial.

A palavra crase vem do grego *crasis* e significa fusão (de duas palavras: prepo-

6 Erro de sintaxe (de regência, concordância e colocação).

sição “a” mais o artigo “a”. Esse artigo é feminino, por isso não se usa crase diante de palavra masculina).

Mais um exemplo do uso indevido do acento indicador da **crase**:

(...) Para descrever a situação do lugar em que viveu, Lins usa tanto as paisagens (de como elas eram) quanto às rodas de samba e as malandragens românticas. (...)

5. A colocação do pronome pessoal oblíquo

Os pronomes pessoais oblíquos, que se referem às pessoas do discurso, dividem-se em tônicos (mim, comigo, ti, contigo, si, consigo...) e átonos (me, te, se, lhe, o, a, nos, vos...).

Na colocação pronominal, um fenômeno deve ser observado: a eufonia da frase, isto é, se ela soa bem aos ouvidos. Por isso, uma frase eufônica deve ter uma sequência de sílabas tônicas e átonas. Na língua formal, culta, devemos preferir iniciar as orações com palavras tônicas. Exemplos:

Cale-se!

Devolva-me o dinheiro.

Fala-se muito em justiça social, mas pouco se faz.

Isso ocorre porque devemos iniciar um enunciado ou discurso com palavras fortes ou tônicas para sermos ouvidos. Observe a diferença: Se cale! Me devolva. Se fala... Não deu certo! Soou mal!

Algumas palavras são tônicas e, como tal, atraem outras átonas, formando uma harmonia entre sílabas tônicas e átonas:

Não me diga isso! (“Não” é tônica, “me” é átona, “diga” é tônica...)

“Não” é uma palavra tônica (monossílabo tônico), portanto exige a próclise⁷.

Preciso que me ajude nesse ponto. (“Que” é uma palavra tônica, portanto exige a próclise)

Como me enganei! Quanto te devo? (“Como” e “quanto” também são tônicas, intensas, atraindo o pronome para antes do verbo) Observe como soaria mal: Como enganei-me! Quanto devo-te?

A partir daí, considere o trecho:

(...) A escrita tem por objetivo apresentar as alfabetizações que constituem a formação de uma professora, que indaga-se sobre tais métodos. (...)

“Que” é uma palavra forte (tônica), então atrai o pronome oblíquo átono. Portanto, esse período ficou mal escrito. Reescrevendo-o adequadamente: A escrita tem

⁷ Próclise é quando o pronome permanece **antes** do verbo (**me** espere), diferente da ênclise, quando o pronome fica após o verbo (dou-**te**), e mesóclise, no meio da forma verbal (dar-lhe-ei).

por objetivo apresentar as alfabetizações que constituem a formação de uma professora, **que se indaga** sobre tais métodos.

Outro exemplo com o mesmo problema:

(...) desta forma, relato nesta seção o mais marcante ou o que toca-me. (...)

Reescrevendo essa frase de modo mais adequado: (...) desta forma, relato, nesta seção, o mais marcante ou o **que me toca** (...). Outro detalhe importante deve-se à linguagem coloquial (que me toca), com uso da gíria, que deve ser evitada em um texto acadêmico. Apropriar-se-ia apenas à língua falada e informal, própria de um grupo de amigos, mas totalmente inadequada à modalidade culta, exigida a esse tipo de registro mais formal.

6. O pronome demonstrativo

Os pronomes demonstrativos: este(s), esta(s), isto, esse(s), essa(s), isso, aquele(s), aquela(s), aquilo, mesmo(a), mesmos(as), tal, tais, semelhante, o(s), a(s) devem ser usados com parcimônia. Exemplos nas frases:

Quero **o** que é meu! (o = Quero **aquilo** que é meu!)

Para **tal** empreendimento, é preciso investir alto. (tal = esse)

(...) que as crianças aprendem também entre seus pares (outros estudantes) e as mesmas podem aprender com todos (...)

Não devemos abusar do pronome demonstrativo “mesmo(a)” e flexões no texto acadêmico. O ideal é que usemos outro termo para nos referirmos à palavra desejada: (...) que as crianças aprendem também entre seus pares (outros estudantes) e **elas** podem aprender com todos...

O mesmo ocorreu neste período:

(...) Este meu processo de aprendizagem de leitura e escrita inicia-se em âmbito familiar, tendo minha madrinha como alfabetizadora. A mesma utilizava-se da metodologia de associação figura e letra. (...)

Melhor ficaria se evitássemos a primeira pessoa quando escrevêssemos, mantendo distância entre o texto e quem escreve. Mas se reescrevermos esse trecho: Este meu processo de aprendizagem de leitura e escrita inicia-se em âmbito familiar, tendo minha madrinha como alfabetizadora. **Esta** utilizava-se da...

Ou ainda: Este processo de aprendizagem de leitura e escrita, inicia-se em âmbito familiar, tendo uma familiar como alfabetizadora, **a qual** utilizava-se da...

Escrever é burilar o texto, aprimorando-o. Isso demanda atenção e cuidado tanto na leitura quando na escrita e reescrita.

Os pronomes demonstrativos este(s), esta(s), isto são usados quando estão pró-

ximos à pessoa quem fala. Também referem-se a algo que será abordado ou citado:

Queremos cumprir esta lei: amarmo-nos reciprocamente.

Este livro que está comigo, ganhei de um amigo.

Estas roupas que estou usando estão amassadas.

Isto aqui é bem gostoso, hein?!

Este dia traz novidades! (referindo-se ao dia presente)

Esse(s), essa(s), isso devem ser usados em relação à pessoa com quem se fala. Também pode indicar um tempo passado (mas próximo) ao momento da fala:

Esse livro é seu? Você poderia me emprestar?

Essa sua técnica é adequada à nossa necessidade.

Isso que você falou é muito interessante.

Há alguns meses começaram as reformas. Nessa época ninguém imaginava o que ocorreria hoje.

Aquele(s), aquela(s), aquilo só serão usados quando nos referirmos à pessoa distante do falante e do ouvinte. Quando se fala dele, de um terceiro. Outra indicação é o tempo remoto em relação ao contemporâneo ao da fala ou ainda refere-se a algo a que nos referimos antes, ou seja, já citado ou dito:

Educação: era isso que faltava.

Aquele sujeito ali é muito estranho.

Aquela mulher que passou me sorriu.

Naquela época éramos felizes, os doces tempos da infância.

Cuidado ao usar este(a) e aquele(a). Eles devem ser empregados em relação a sua posição no texto:

Hoje tem Remo e Paysandu. Este joga com seu time completo; aquele, apenas com dez jogadores titulares. (“este” refere-se ao Paysandu, pois está mais próximo na frase; e “aquele”, ao Remo, uma vez que está mais distante.)

7. A pontuação

Leia o trecho seguinte, observando bem a pausa marcada pela vírgula:

(...) O texto, contém todas as estruturas do gênero. (...)

Não se separa sujeito de predicado⁸ com vírgula, pois não há pausa entre am-

8 Se o sujeito é o ser do qual se declara algo, o predicado é a declaração do sujeito. Sujeito e predicado são ligados. Exemplo: “A reconstrução nacional é a continuação desta luta para a criação

bos. O correto seria: O texto contém todas as estruturas do gênero. Fala-se do texto, portanto o sujeito da oração é “O texto”. Não existe pausa entre “O texto” e o verbo “contém”. Então não há pontuação (vírgula). A frase é direta.

(...) Emílio ou da Educação, consiste numa proposta de educação do indivíduo desde criança até sua fase adulta. (...)

Novamente não há pausa entre o sujeito (Emílio ou da Educação) e o predicado (consiste numa proposta...) indicado pelo verbo (consistir). Melhorando o enunciado: Emílio ou da Educação consiste numa proposta de educação do indivíduo desde criança até a fase adulta. Essa frase também é direta.

Os adjuntos adverbiais devem ser separados por vírgulas quando **deslocados**. Lembre-se de que a ordem direta da oração é: sujeito, verbo, complemento e adjunto adverbial. Exemplo:

O presidente brasileiro convidou o americano para um almoço no Itamaraty. (sujeito: “O presidente”. Predicado: “convidou americano para um almoço no Itamaraty”. Nesse predicado há o verbo “convidar” e o objeto direto “o americano”; além dos adjuntos adverbiais: “a um almoço no Itamaraty” (“a um almoço” é adjunto adverbial de finalidade e “no Itamaraty” é adjunto de lugar.). Então a oração apresenta: sujeito + verbo + complemento verbal + adjuntos adverbiais; portanto, não precisa de vírgulas. Quando a oração está na ordem direta não necessita de vírgulas.

Alguns termos ou orações, quando intercalados, exigem vírgulas principalmente se extensos:

Os professores, por causa do excesso de trabalho, estão estressados. (O termo “por causa do excesso de trabalho” está intercalado, portanto, grafou-se entre vírgulas.)

Observemos outros termos intercalados ou deslocados:

Os dias são curtos para tantas tarefas. Precisamos, no entanto, encontrar tempo para nossas leituras.

A conjunção “no entanto” está entre vírgulas pois está intercalada ou deslocada. Ela deveria, na ordem normal, estar entre duas orações, unindo-as. Observe esse mesmo exemplo, mas sem intercalação ou deslocamento:

Os dias são curtos para tantas tarefas; no entanto precisamos encontrar tempo

de uma sociedade justa” (P. Freire). Aqui o predicado é identificado a partir do verbo: “é a continuação desta luta para a criação de uma sociedade justa”. E o sujeito é: “A reconstrução nacional”. É sobre a “reconstrução nacional” que se declara algo (que é o predicado!).

para nossas leituras.

A tarefa da conjunção é ligar duas ou mais orações estabelecendo relação semântica (de sentido) entre elas. Exemplo: Vimos aqui para estudar, no entanto os alunos estão desconcentrados. (o conectivo, a conjunção “no entanto” estabelece ideia contrária.)

Observe a pontuação deste excerto:

(...) A temática alfabetização é o objeto de estudo para diversas pesquisas atualmente, deste modo o ato inicial de leitura e escrita é visto por múltiplas perspectivas (...)

Dois possibilidades de reescrita mais adequadas:

a) A temática da alfabetização é o objeto de estudo para diversas pesquisas atualmente. Deste modo, o ato inicial de leitura e escrita é visto por múltiplas perspectivas...

Aqui se deu uma pausa para separar a primeira ideia da segunda. Assim, o leitor atenta, concluindo junto com o autor pelo conectivo “Deste modo”.

b) A temática da alfabetização é o objeto de estudo para diversas pesquisas atualmente e, deste modo, o ato inicial de leitura e escrita é visto por múltiplas perspectivas...

Usando a conjunção ou conectivo “e”, ligaram-se perfeitamente as duas ideias: 1) “A temática da alfabetização é o objeto de estudo para diversas pesquisas atualmente”; concluindo: 2) “deste modo, o ato inicial de leitura e escrita é visto por múltiplas perspectivas”, evidenciando-se o operador de conclusão “Deste modo”, pondo-o entre vírgulas.

Já neste excerto, faltou a pausa, marcada na escrita pela vírgula:

(...) Refletindo sobre esses processos de alfabetização entende-se que qualquer prática alfabetizadora (...)

Precisamos separar as orações do período com vírgula, principalmente quando iniciamos com uma reduzida de gerúndio⁹: Refletindo sobre esses processos de alfabetização, entende-se que qualquer prática alfabetizadora...

Esse fenômeno ocorreu também em:

⁹ São orações que não apresentam conjunção (conectivo), iniciando-se com as formas nominais do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. Exemplo: “**Quando acabou a festa**, meu amigos foram embora” é uma oração desenvolvida (temporal). Reduzida de infinitivo: “**Ao acabar a festa**, meu amigos foram embora”. Reduzida de gerúndio: “**Acabando a festa**, meu amigos foram embora”. Reduzida de particípio: “**Acabada a festa**, meu amigos foram embora”.

(...) Sendo bolsista PIBID encontro-me com a voz de Esther Grossi e as didáticas da alfabetização, Sara Pain, Madalena Freire, Gérard Vergnaud (...)

A pontuação nesse fragmento está comprometida, pois, diante da enumeração, há que sempre usar os dois pontos (:). Faltou também, nesse texto, esclarecer as ideias de Esther Grossi, as quais deveriam aparecer entre parênteses, como referências. Outra inadequação se faz no vocabulário empregado (“encontro-me”). Observe o uso dos dois pontos, bem como o ajuste vocabular: Sendo bolsista do PIBID, **diálogo** com **as ideias** de Esther Grossi (xxxx¹⁰) e com as teóricas da alfabetização: Sara Pain, Madalena Freire, Gérard Vergnaud...

(...) pontos de vista de como iniciar o processo de alfabetizar, e assim alguns estudiosos da temática (...)

Certos termos explicativos ou retificativos (isto é, ou seja, ou ainda, ou melhor, aliás, assim...) exigem pausa e, por isso, devem ser separados com vírgulas. Reescrevendo o trecho: (...) pontos de vista de como iniciar o processo de alfabetizar e, assim, alguns estudiosos da temática...

Também não se separa verbo de seu complemento (objeto direto ou objeto indireto¹¹) com vírgula:

a) Objeto direto: Os deputados iniciaram a sessão às 16 horas. (“iniciaram” é o verbo transitivo direto; “a sessão” é o objeto direto – completa o sentido do verbo – e “às 16 horas” é o adjunto adverbial de tempo)

b) Objeto indireto: Elas gostam de vestidos novos. (“gostam” é o verbo transitivo indireto; “de vestidos novos” é o objeto indireto – completa o sentido do verbo – com a preposição “de”)

Todos os termos deslocados obrigam a pausa e exigem vírgula(s). Se estão em sua ordem normal, direta, não exigem vírgula. Mas, quando tais termos se deslocam, ocorre pausa e, portanto, a pontuação:

Às 16 horas, os deputados iniciaram a sessão.

Nessa frase, o adjunto adverbial de tempo (Às 16 horas) está deslocado. Por conseguinte, há vírgula.

10 Inserir, nos parênteses, ano da obra.

11 Objeto indireto é complemento do verbo transitivo indireto (Preciso de você. “Precisar” é verbo transitivo indireto e “de você” é o objeto indireto pois apresenta uma preposição, no caso, *de*. Obedeci às leis de trânsito. Obedecer é verbo transitivo indireto pois quem obedece, obedece a alguém ou a algo. “às leis de trânsito” é objeto indireto pois apresenta preposição, no caso, *a*.).

Observe outras formas de escrever esta frase:

Às 16 horas,	iniciaram	os deputados	a sessão.
Iniciaram,	às 16 horas,	os deputados	a sessão.
Iniciaram	os deputados	a sessão	às 16 horas.
Os deputados	Iniciaram,	às 16 horas,	a sessão.
Os deputados,	às 16 horas,	iniciaram	a sessão.
Às 16 horas,	iniciaram	a sessão	os deputados.

Logo, podemos constatar como a língua portuguesa é rica e versátil.

(...) Quando Dirceu se encontra em liberdade e próximo a Marília, a vida que o rodeia - incluindo a natureza - passa a ser vista de maneira otimista. (...)

Utilizaram-se hifens, nessa frase, no lugar de travessões. O travessão (— ou —) é um traço maior do que o hífen (na palavra “esgotando-as”). Os travessões podem ser substituídos por parênteses quando se deseja destacar uma palavra, frase ou expressão, intercalando-a.

Melhorando o enunciado: Quando Dirceu se encontra em liberdade e próximo a Marília, a vida que o rodeia — incluindo a natureza — passa a ser vista de maneira otimista.

Novamente confundiu-se hífen com travessão:

(...) dessa forma ocorreu a formulação das hipóteses sobre a escrita - Pré-silábico, Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético. (...)

Melhorando o enunciado: (...) dessa forma ocorreu a formulação das hipóteses sobre a escrita — Pré-silábico, Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético.

Outro exemplo de confusão do hífen com o travessão:

(...) Também apoia - se o poeta para expressar (...)

(Dever-se-ia utilizar o hífen, porém sem espaçamentos. Assim, pareceu mais um travessão, porém curto.)

A frase ficaria mais adequada se fosse grafada deste modo: Também apoia-se o poeta para expressar...

O uso dos dois pontos

Sempre que usamos os dois pontos (:), dá-se uma pausa. Por isso é necessário usá-los em todos os casos que indicarem:

a) quando iniciamos uma enumeração: As vantagens do carro são muitas: modernidade, cor, tamanho, beleza, praticidade e preço.

b) ao introduzir uma citação e, no texto narrativo, o discurso ou fala de personagem:

“Ouviu tudo sem interrompê-los para no final falar de forma incisiva:
– Balão apagado só leva quem é vacilão.” (Paulo Lins)

Observação: Nem sempre esse modelo é seguido à risca. Os artistas da palavra têm total liberdade para criarem e recriarem a seu bel prazer em cima da língua. O escritor português Saramago, por exemplo, transverte esse padrão de escrita e usa de muita liberdade em seus romances ou contos, como no exemplo do romance *Todos os nomes*: “Nenhum dos colegas se apercebeu de quem havia chegado, responderam como de costume à saudação, disseram Bons dias, Sr. José, e não sabiam com quem estavam a falar.” (Saramago, p. 27). O autor não usa os dois pontos para chamar a fala da sua personagem, mas consegue se fazer entender. Trata-se de um recurso de estilo do escritor.

c) para exemplificar, concluir, esclarecer, discriminar, elucidar, ilustrar algo ou uma ideia anterior ou que vem a seguir: “Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas.” (Lygia Fagundes Telles, 1989, p. 31)

8. O uso do infinitivo

É muito comum as pessoas se atrapalharem ao usar o infinitivo. O verbo no infinitivo (exemplos: estudar, ler, partir) precisa ser flexionado na pessoa do discurso: eu, tu, você, ele, ela, nós, vós (menos usado), vocês, eles e elas. No exemplo seguinte, usa-se o verbo “ver” não flexionado no infinitivo. Observe:

(...) *A utilizar tal referência, fica evidente que a beleza de Marília enfeitiça a quem a ver.*
(...)

Precisamos flexionar o verbo no tempo presente do modo indicativo para percebermos porque o autor do exemplo acima se confundiu: Eu vejo, tu vês, ele vê. Quem é a terceira pessoa do discurso? (Ele ou ela. *Alguém a vê a beleza de Marília*). No caso, o sujeito do verbo “ver” é a palavra “quem” (alguém que vê). A confusão se deu porque “vê” é bem semelhante na pronúncia com “ver”, pois em alguns momentos da fala, costuma-se cortar o “r” final de algumas palavras; fazer ➔ fazê, amar ➔ amá, beber ➔ bebê etc. isso na fala apenas.

Vamos lembrar um exemplo na literatura modernista, que, ao invés de usar a

grafia do verbo “trabalhar”, emprega “trabalhá”, chamando atenção para a linguagem brasileira, para a oralidade:

Nega qui tu tem
Marimbondo Sinhá
Marimbondo nun dêxa
Nêga bratalhá!
(Menezes, 1993, p. 2016)

O texto ficaria: A utilizar tal referência, fica evidente que a beleza de Marília enfeitiça quem a vê.

No exemplo: Preciso de óculos para lê melhor. O sujeito dos verbos “precisar” e “ler”, nessa frase, é o pronome “eu” – a primeira pessoa do discurso. Quem precisa de óculos sou **eu**; e preciso para **ler** melhor. Vou **ler** melhor com óculos: Preciso de óculos para ler melhor. Observe um exemplo de Paulo Lins: (...) “vai lá no terceiro pra vê se não tem mais ninguém...” também com o escritor enfatizando a oralidade da língua.

Lembre-se de que o escritor está empregando a linguagem da personagem, portanto, de acordo com o contexto do romance *Cidade de Deus*. Se fossemos reescrever essa frase, ficaria: vai lá no terceiro pra **ver** se não tem mais ninguém... Diferente do texto acadêmico, em que se precisa usar uma linguagem mais formal, o escritor recria a linguagem de acordo com a necessidade de dar realismo à sua narrativa.

Outro exemplo: Vou fazê o possível para comparecer à reunião. (Não!)

Melhorando essa frase: Vou **fazer** o possível para comparecer à reunião.

O contrário também ocorre: Isso não **estar** dando certo!

A frase acima não condiz com a gramática, vejamos por quê. Analisemo-la. Qual o sujeito dessa oração? O sujeito do verbo “estar” é a palavra “isso”, porque é “isso” que não está dando certo. Substituindo esse pronome demonstrativo (que corresponde à terceira pessoa do singular) por outra palavra equivalente – *algo* (algo não está dando certo) –, veremos que se trata de uma concordância normal, comum: Isso não **está** dando certo! Novamente a falha se dá por causa da fala que se mistura à língua escrita, mais formal.

9. Os pronomes possessivos

Na linguagem coloquial, usamos o pronome possessivo – e abusamos às vezes –, mas aceita-se essa forma porque, na fala, o importante é a comunicação! Tal proce-

dimento não deve ocorrer no texto escrito (e no acadêmico), no qual utilizamos sempre a língua formal, culta. Também, ao empregar os possessivos, fiquemos atentos pois não há necessidade de usar o artigo diante de algumas palavras:

*(...) Na terceira estrofe da lira II, o eu lírico exalta a beleza de **sua** amada. (...)*

Note como ficaria melhor essa frase: Na terceira estrofe da lira II, o eu lírico exalta a beleza da amada. Sem a necessidade do possessivo.

Nesse tipo de texto (acadêmico), há economia de palavras e uma seleção vocabular. Porém, só se adquire tal traquejo com leitura e exercícios.

Mais um exemplo:

*(...) Os versos 7, 8, 9 e 10... referem-se ao **seu** sofrimento por causa do exílio de **seu** marido. (...)*

Cuidado com os possessivos! Eles podem gerar ambiguidade ao texto.

Há uma repetição desnecessária em tal frase, além de o redator ter usado o artigo antes do possessivo, o que é próprio da linguagem coloquial ou informal. Também consideramos que as reticências não estão adequadas, pois elas ocorrem em quatro casos especiais:

a) indicam surpresa, dúvida ou indecisão do falante:

“Fico indo e vindo aos lugares, conforme desejo, demoro o tanto que quero...”
(Larêdo, 1984, p. 99)

b) demonstram que a fala de uma personagem foi interrompida bruscamente:

“- Que que tu...
- Vai me dando, que eu vi bem você de pinote na hora que os samango pintou...” (Lins, 1997, p. 31)

c) sugerem sutilmente que o próprio leitor complete a frase que está interrompida:

“Porém, sempre fica uma pontinha de saudade...” (Munduruku & Prieto, 2014, p. 23)

d) ou mostram que alguns excertos de um texto foram suprimidos, inclusive indicando-o entre parênteses e reticências (...). Exemplo de (2020a, p. 225)¹²:

12 Por questão de clareza, a indicação 2020a refere-se a uma obra do mesmo ano (2020) e mesmo autor. A segunda obra será registrada com 2020b.

(...) As situações reais vividas nas entrevistas nos remeteram às palavras de Bakhtin (2000, p. 318), que: “em todo enunciado, (...) levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade”, como pudemos comprovar não apenas durante as entrevistas (patentes nas falas de B: “Acho que eles [os índios] são *um pouco* preguiçosos” e de Q: “Eu *até* o trataria bem”), mas também nas observações das oficinas e nas próprias oficinas.

Nem todas as palavras de Bakhtin são relevantes à citação. Portanto, algumas delas foram suprimidas a fim de que a citação não ficasse muito longa.

Vejamos como ficaria a mesma frase reescrita: Os versos 7, 8, 9 e 10... referem-se **a seu** sofrimento por causa do exílio do marido de Bárbara. [Isso, de acordo com o texto.]

10. O uso do pronome relativo

O emprego dos pronomes relativos é uma das maiores dúvidas de pessoas de 8 a 80 anos! Isso se deve à falta de conhecimento de regência verbal e nominal e do costume informal de falar, suprimindo as preposições exigidas por verbos e nomes, a famosa e já citada lei do menor esforço. Os pronomes relativos referem-se normalmente ao termo anterior (o chamado antecedente), mas também podem aludir a uma palavra ou expressão que vem posteriormente. São identificados como: que, onde, quem (invariáveis); o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos, quanta (variáveis). Há que se considerar a concordância (por causa do singular e do plural) e a regência (devido às preposições exigidas pelo verbo ou nome) quando usá-los. Observe o seguinte enunciado:

(...) No segundo texto, há uma referência a um gênero épico, a qual retrata sobre uma indígena chamada Moema (...)

A palavra “texto” é masculina, portanto deve-se usar o artigo **o** diante do pronome relativo “o qual”, pois quem retrata é o texto e não a *referência* ou mesmo o *gênero*. Vejamos como ficará o trecho: No segundo texto, há uma referência a um gênero épico, **o qual** retrata a indígena Moema... (suprime-se também “sobre uma”, desnecessários)

Algo semelhante ocorre em:

*(...) Por isso o autor retoma, em seus poemas, os ideais gregos de beleza, **na qual** a*

musa é descrita. (...)

A expressão **os ideais** está no plural, portanto o pronome relativo “a qual” deverá concordar com ela, também no plural: Por isso o autor retoma, em seus poemas, os ideais gregos de beleza, **nos quais** a musa é descrita.

Também esse trecho precisa da preposição “em”: a musa é descrita nesses ou nos ideais de beleza (em + os = nos).

Mais um exemplo parecido:

*(...) que propagam a tríade Oralidade-Leitura-Escrita, **no qual** visam os estudantes (...)*

O pronome relativo deve ser usado de acordo com a palavra a qual está relacionado e se esse termo precisar ou não de preposição. O verbo “visar” (no sentido de objetivar, pretender) exige preposição **a**, então deve-se usar a crase e fazer a contração da preposição **a** com o artigo **a** (**à**): (...) que propagam a tríade Oralidade-Leitura-Escrita, **à qual** visam os estudantes...

Se o pronome relativo tem **a** (é o caso de a qual, as quais), então precisamos usar o acento indicador da crase (´) quando houver uma preposição (a) que vai se fundir com o artigo feminino (a). É o caso que acabamos de ver.

O pronome relativo **onde** equivale a **em que, no qual, na qual** e indica lugar. Na linguagem falada, traz algumas inconsistências, como esta usada indevidamente em um artigo:

*(...) Como bolsista Pró-doutor, deparo-me com a alfabetização científica, **onde** a voz de Carvalho (2013), pela perspectiva (...)*

Melhorando o trecho: Como bolsista Pró-doutor, deparo-me com a alfabetização científica, **cuj**a voz Carvalho (2013) elucida a perspectiva...

O pronome relativo **cuj**a (e flexões) é usado com sentido de posse (a voz é de Carvalho (2013)). Trata-se de um belo recurso redacional pois liga duas orações: 1) deparo-me com a alfabetização científica...; 2) Carvalho tem a voz que elucida...

Mais outro exemplo:

*(...) Meu processo de alfabetização inicia-se em meados dos anos 2000, **no qual** é marcado pelo quarto momento da alfabetização no Brasil, **onde** neste período ocorre (...)*

O processo de alfabetização que é marcado pelo quarto momento da alfabetização no Brasil... Usa-se o pronome relativo para unir duas orações:

- a) Meu processo de alfabetização inicia-se em meados dos anos 2000.
- b) Meu processo é marcado pelo quarto momento da alfabetização no Brasil...

Meu processo de alfabetização inicia-se em meados dos anos 2000, **o qual** é marcado pelo quarto momento da alfabetização no Brasil, período no qual ocorre...

Jamais se usa artigo após os pronomes relativos cujo, cuja, cujos, cujas, como se fez equivocadamente em:

(...) A morte de Lindoia consiste em um trecho retirado de O Uruguai, cujo o autor é Basílio da Gama. (...)

O relativo **cujo** (e suas flexões) indica **posse**, equivale a do qual, da qual (e flexões) e concorda com a coisa possuída. Melhorando o enunciado: A morte de Lindoia consiste em um trecho retirado de *O Uruguai*, cujo autor é Basílio da Gama. (Sem o artigo **o**)

Para concluir o estudo do pronome relativo (o “que” é o mais usado), observe como ele une orações, evitando, assim, a repetição desnecessária:

- a) Não conhecemos ainda o novo professor.
- b) O novo professor se apresentou hoje na universidade.

Não conhecemos ainda o novo professor (a) **que** se apresentou hoje na universidade (b).

Aprender a usar o pronome relativo adequadamente é passar a escrever de forma mais eficiente, elegante e correta, mas depende de antes rever assuntos como regência verbal e nominal, ou seja, a necessidade que alguns verbos e nomes têm de complemento com preposição. Basta atenção a algumas construções de bons escritores e você ganhará, com o tempo, essa arte. A dica é a mesma: ler bons autores e refletir sobre tais leituras, compreendê-las e interpretá-las convenientemente.

11. Diferença entre oração adjetiva restritiva e explicativa

Leiamos atentamente o excerto:

(...) Nesse sentido, este ensaio discorre sobre a vida do personagem Inferninho que teve suas oportunidades de vida destruídas pelo poder midiático (...)

Nesse período, ocorreu uma falha na pontuação porque o autor confundiu as

orações adjetiva restritiva e explicativa (mesmo que não as conheça por nome!). Mas, antes de tratarmos de tais orações, pensemos nas pausas destas no período: 1) “este ensaio discorre sobre a vida do personagem Inferninho” e 2) que teve suas oportunidades de vida destruídas pelo poder midiático”. A oração 1 contém a primeira informação; e a segunda a completa, de certa forma, pois algo a mais é informado sobre o tal ensaio sobre a vida de alguém (Inferninho). Note que não há pausa entre “a vida do personagem Inferninho” e “que teve suas oportunidades...”, isto quer dizer que se trata de uma oração adjetiva restritiva (aquela que não se separa com vírgula), uma vez que a ideia é limitativa.

É importante diferenciar os dois tipos de oração adjetiva¹³ (para podermos usar a vírgula com firmeza): restritiva e explicativa. A restritiva restringe ou limita a extensão do nome a que alude, como nos ensina Savioli em sua Gramática: elas “particularizam um subconjunto dentro de um conjunto” (Savioli, 1991, p. 87). Ao contrário, as outras (as explicativas) explicitam uma qualidade que se refere a um termo anterior (um nome) ou o esclarecem melhor. Ademais, não restringem um nome porque dão uma característica mais geral a esse nome. Apenas a explicativa exige pausas e, portanto, vírgulas.

Observe a diferença semântica entre ambas:

As florestas, que alimentam o planeta, estão sendo destruídas.

Note que a oração explicativa vem com vírgulas e sempre é intercalada a outra (a chamada oração principal, aquela que traz a ideia central: As florestas estão sendo destruídas). Se retirarmos a oração explicativa do período (que alimentam o planeta), não se compromete o sentido primordial do período, ou seja, de que as florestas estão sendo destruídas. A oração explicativa apenas dá mais informação sobre o tema da oração principal.

Veja ao sentido desta outra sentença:

O avaliador desprezou o candidato que não tinha nenhum preparo.

A oração “que não tinha nenhum preparo” apenas restringe uma ideia ou informação sobre o candidato citado. Não há necessidade de vírgula pois não existe pausa entre as orações desse período. Tratava-se somente do candidato que não tinha nenhum preparo, restrito a ele, a apenas ele. O avaliador não desprezou os outros candidatos. As orações adjetivas são sempre introduzidas pelo pronome relativo: que, o qual, os quais, a qual, as quais, cujo(s), cuja(s), onde. É necessário conhecê-las para

13 A oração adjetiva é aquela que tem a função de adjunto adnominal (Aluno **que estuda**. A oração em negrito equivale a um adjetivo: Aluno **estudioso**) ou de aposto explicativo (O aluno **que é o melhor da turma**, passou no ENEM. A oração em negrito equivale a um aposto e pode ser retirada do período, sem prejuízo no sentido).

usá-las corretamente. Uma é bem diferente da outra, embora ambas se iniciem pelo pronome relativo.

Mais um exemplo para não deixar nenhuma dúvida. Tomemos dois exemplos de períodos¹⁴:

1) Ana abraçou a irmã **que sempre amara**; e 2) Ana abraçou a irmã, **que sempre amara**.

Se formos observar as duas orações: **que sempre amara** e **que sempre amara**, ambas têm absolutamente forma idêntica. Mas eles apresentam sentidos diferentes. O primeiro período traz a ideia de que Ana abraçou a irmã amada, restringe-se o abraço a esta irmã, então, pode-se até afirmar que Ana poderia ter outras irmãs, mas abraçou apenas esta. No primeiro período (1), a oração destacada (**que sempre amara**) é **adjetiva restritiva**, pois sua ideia se restringe à irmã sempre amada, que fora abraçada por Ana. Exatamente esta e não outra. Não há pausa entre as orações desse período.

No segundo período (2), a oração destacada (**que sempre amara**) é **adjetiva explicativa** pois explica a ideia de que a irmã de Ana sempre fora amada. A oração dá apenas uma informação a mais, descartável até, isto é, pode ser retirada do período. À moda de aposto explicativo (já falamos nele, um termo que também pode ser retirado da frase ou oração), esta oração adjetiva somente oferece uma explicitação sobre o que se falava, no caso, de Ana abraçar a irmã. E como ambas as orações (restritiva e explicativa) são escritas da mesma forma (**que sempre amara**) podendo causar confusão, por causa das vírgulas, é importante reconhecer suas diferenças semânticas.

II - A acentuação gráfica

1. A prosódia

A prosódia, parte da gramática que estuda a pronúncia das palavras, trata da tonicidade dos vocábulos de nossa língua. Devemos observar que as palavras têm uma musicalidade, uma entonação, por isso, inicialmente, devemos atentar para a tonicidade delas. Disso depende você perceber que estas (as palavras) têm na pronúncia, uma entonação, um ritmo e, a partir daí, não confundir mais as sílabas que têm acento gráfico e as que não têm. Só acentuamos as sílabas tônicas dos vocábulos. As sílabas átonas nunca são acentuadas, pois são fracas em sua pronúncia. A própria palavra “pronúncia” deve ser observada quanto à pronúncia. Se é substantivo, então é acentuada: A **pronúncia** estava correta. Mas se é verbo “pronunciar”, então não se deve acentuá-la: Ela **pronuncia** corretamente as sílabas. Nesse exemplo, temos o verbo pronunciar (eu pronuncio, tu pronuncias, ela pronuncia...). Agora a sílaba tônica é “ci”.

14 O período pode ser simples (com uma oração) ou composto (com mais de uma oração).

2. Diferenças entre as paroxítonas e as proparoxítonas

Dados os vocábulos: incomodo e incômodo.

Observe que a primeira palavra é o verbo “incomodar” (incomodo, incomodas, incomoda, incomodamos, incomodais, incomodam no tempo Presente do modo indicativo), como em “eu me incomodo com certas posturas”. E o vocábulo “incômodo” tanto pode ser substantivo, como no exemplo: O incômodo era grande; quanto adjetivo: “Acordou Eduardo a dormir de boca aberta, incômodo, na cadeira” (Amado, 2008, p. 33), dependendo do contexto. No exemplo de Jorge Amado, Eduardo sente-se incomodado (ou incômodo).

A questão aí é a tonicidade da palavra. Sua pronúncia. Leia lentamente ambas as frases seguintes e observe a mudança na pronúncia delas: “eu me **incomodo** com certas posturas” e “o **incômodo** era grande”. No primeiro caso, temos uma palavra paroxítona: **incomodo** (com sua sílaba tônica sendo a penúltima). No segundo, há uma proparoxítona: **incômodo** (com sua sílaba tônica sendo a antepenúltima). A gramática normativa exige que acentuemos todas as palavras proparoxítonas. Por isso devemos pôr o acento agudo ou circunflexo na antepenúltima sílaba das palavras proparoxítonas.

Algo semelhante acontece com os exemplos a seguir, mas sinta a diferença entre as palavras paroxítonas e proparoxítonas. Observe como elas mudam a forma de serem pronunciadas conforme sua classe gramatical e sentido:

Eu não me **medico** quando vou ao **médico**. (verbo medicar e substantivo)

Ele **pratica** voleibol, mas não tem **prática** em futebol. (verbo praticar e substantivo)

Todo dia **trafego** nesta rua mas hoje o **tráfego** está um horror! (verbo trafegar e substantivo)

Ele **duvida** de tudo e eu não tenho **dúvida** de nada. (verbo duvidar e substantivo)

Você **mascara** seus sentimentos. Sua **máscara** lhe cai bem. (verbo mascarar e substantivo)

Meu avô **pacifica** os netos. Sua família é **pacífica**. (verbo pacificar e adjetivo)

Eu **publico** meu livro hoje. Ele tornar-se-á **público**. (verbo publicar e adjetivo)

Sempre me **exercito** de manhã. O **exército** está se exercitando também. (verbo exercitar e substantivo)

Não **habito** os céus. O **hábito** faz o monge. (verbo habitar e substantivo)

O trânsito **vitima** muitas pessoas. A **vítima** somos nós. (verbo vitimar e substantivo)

Peço que **analises** estas amostras. As **análises** estarão prontas. (verbo analisar e substantivo)

Já nem **calculo** quanto tempo perdi. O **cálculo** é aproximado. (verbo calcular e substantivo)

Eu mesma **digito** meus artigos. O **dígito** foi calculado. (verbo digitar e substantivo)

A bandeira **tremula** ao vento. Estás com a mão **trêmula**. (verbo tremular e adjetivo)

Observe bem, nesses exemplos, que o substantivo é sempre precedido por um artigo (O, se for masculino; A, se for feminino; Os, se for masculino plural; As, se for feminino plural...).

3. Diferenças entre as paroxítonas terminadas em ditongo e em hiatos

A dificuldade em acentuar uma paroxítona terminada em ditongo é grande hoje – embora todas elas sejam acentuadas obrigatoriamente –, é porque ambas são homógrafas, isto é, têm a mesma grafia (*homo*: igual + *grafia*: escrita), mas sons diferentes. Quando digitamos a palavra “denuncia” em nosso computador, este não a acentua. Resta a nós, sabermos se se trata de paroxítona terminada em ditongo ou de paroxítona terminada em hiato. Ou se é o caso de substantivo ou de verbo. O contexto é quem o dirá. Veja o exemplo, colhido de uma redação de estudante:

(...) A existência de delegacias da mulher facilita essas denúncias, pois o tratamento é diferenciado e preparado para lidar com as vítimas. (...)

Como está escrito, sem acento agudo (´), parece o verbo “denunciar” (eu denuncio, tu **denuncias**...), o que é bem diferente do substantivo “denúncia” (acentuado graficamente). Observe: A denúncia (substantivo) foi feita na delegacia. As **denúncias** (substantivo) foram feitas na delegacia. Viu como uma palavra não tem nada a ver com a outra? Sendo assim, a redação reescrita corretamente será:

A existência de delegacias da mulher facilita essas denúncias de maus-tratos, pois lá o tratamento é diferenciado e especializado em lidar com as vítimas.

Assim, o texto fica mais explícito e com sentido completo.

As paroxítonas terminadas em ditongo¹⁵ crescente¹⁶ também são acentuadas, o que as diferencia das terminadas em hiato:

Eu **início** minhas aulas às sete horas. O **início** delas é bem cedo. (verbo iniciar e substantivo)

Ele a **magoa** sem querer. A **mágoa** é grande. (verbo magoar e substantivo)

Vou **revolver** o doce na panela. O **revólver** estava sem projétil. (verbo revolver e substantivo)

Ela **mobilia** a casa para o casamento. A **mobília** está pronta. (verbo mobiliar e substantivo)

Eu **vario** as roupas. Sentimento **vário** (=variado) (verbo variar e adjetivo)

Princípio o exercício com cuidado. O **princípio** é sempre difícil. (verbo principiar e substantivo)

15 O ditongo é quando se pronunciam (na mesma sílaba) uma vogal e uma semivogal. Vogal é uma letra/fonema forte (a, e, i, o, u), por isso é mais tônica; é a base de uma sílaba e sem ela não há sílaba. A semivogal não tem a força da vogal, por ser átona na pronúncia (i, u quando átonos; nunca funcionando como sílaba, diferente da vogal. Exemplos: **vário**, **princípio**, o “o” dessas palavras soa tão fraco que pronunciamos como “u” e quando falamos rapidamente, quase o engolimos). Bechara (2009) marca as semivogais como /y/ e /w/.

16 Ditongos são crescentes (formados de semivogal e vogal), exemplos: ciência, cárie, episódio ou decrescentes (formados de vogal e semivogal), exemplos: coisa, órgão, papéis.

Ele **calunia** as pessoas sem remorso. A **calúnia** ocorreu na delegacia. (verbo caluniar e substantivo)

História é uma matéria interessante. Ela **historia** os episódios. (substantivo e verbo)

Ela **referencia** com cuidado. A **referência** é feita a esse autor. (verbo iniciar e substantivo)

4. Acentuação das formas verbais

As formas verbais também devem ser acentuadas:

Substituir: Ele **substitui** seu colega. Devo **substituí-la** no próximo turno.

Usufruir: Papai **usufrui** de seu carro novo. O ar daqui é saudável. Vamos **usufruí-lo** (Veja como o “i” forma sozinho uma sílaba. O “i” então é vogal.).

Ter: João **tem** chance de ser chamado no novo emprego. Aquelas pessoas não **têm** nenhuma noção de política. (Trata-se de acento diferencial de singular e plural e não de tonicidade, pois ambas as formas apresentam a mesma pronúncia e tonicidade.)

Ver: Ele **vê** uma luz no fim do túnel. Elas não a **veem**.

Dar: É importante que ele **dê** e que elas **deem** as mãos.

Vir: O Ano Novo **vem** com mais saúde a todos e todas! As provas **vêm** mais difíceis nos próximos concursos. (Trata-se de acento diferencial de singular e plural e nem sempre de tonicidade: ambas as formas apresentam a mesma pronúncia.)

As formas verbais oxítonas que vêm ligadas a um pronome pessoal precisam ser acentuadas graficamente. Dadas duas orações: 1) Vou escrever a redação. 2) Vou escrevê-la.

Duas formas de escrever o mesmo. Na primeira, “a redação” completa o sentido do verbo escrever, transitivo direto (quem escreve, escreve algo), com o objeto direto “a redação”. Na segunda, o verbo tem como complemento um pronome pessoal (la), funcionando como objeto direto. Esse verbo está no infinitivo (escrever), perdendo o “r” final e se unindo ao pronome pessoal, ganhando assim um acento tônico, pois transformou-se em oxítona.

Trata-se da mesma regra de acentuação gráfica das oxítonas: quando a palavra termina em **a**, **e**, ou **o**, esta vogal passa a ser acentuada obrigatoriamente. Se acentuamos vatapá, café e toró, por que não haveríamos de acentuar as formas verbais? Elas pertencem à mesma situação de tonicidade.

Outros exemplos de formas verbais oxítonas com o pronome pessoal:

É preciso respeitar a mulher. É preciso respeitá-la. (oxítona terminada em **a**)

Vamos conhecer o campo. Vamos conhecê-lo. (oxítona terminada em **e**)

O maestro compôs a canção. O maestro compô-la. (oxítona terminada em **o**)

Mas quando a forma verbal não é oxítona terminada em **a**, **e**, **o**, então ela não será acentuada. Vejamos:

É necessário repetir o exame. É necessário repeti-lo.
Precisamos corrigir a prova. Precisamos corrigi-la.
Vamos partir o bolo? Vamos parti-lo?

Isso acontece porque não acentuamos as oxítonas terminadas em **i** (nem em **u**).
É o caso de *saci, uxi, urubu, peru...*

Atenção à acentuação das formas verbais *dar, crer, ler, ver, ter...*, que Azere-do (2012, p. 191) chama de “Verbos de infinito monossilábico”: *que ele dê, que eles deem; ela crê, elas creem; ela lê, elas leem; ele vê, eles veem, ela tem elas têm...* com seus acentos diferenciais e não tônicos. Eis um exemplo de José Américo de Almeida (2004) em *A bagaceira*: “Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem”.

Segunda Parte

O que se deve evitar em um texto acadêmico?

Certamente incluir o leitor nesse texto. Você deve se objetivo, ou seja, impessoal, pois essa modalidade textual obriga uma análise racional e atenta do objeto a ser estudado. Daí irmos buscar em teóricos suas ideias para estudo em partindo delas e com as nossas reflexões, nos debruçarmos a fundo no tema. Portanto, não cabem os achismos do tipo “eu acho que”, mas apenas deduções com base na leitura de autores consagrados. Então, vamos elencar algumas proibições próprias dos textos acadêmicos, a seguir.

1. A inclusão do leitor (o receptor ou destinatário) no seu texto

Não se referir a ele diretamente como a um “eu” a um “tu” ou um “você”:

(...) Se, hoje em dia, as mulheres precisam diariamente lutar para serem reconhecidas, imagina no século XVIII. (...)

Nesse período, o redator deseja que o leitor imagine: “*imagina no século XVIII*”. Pode-se induzir o leitor a acompanhá-lo no raciocínio, mas de modo brando e sem dirigir-se diretamente a ele. Toda obra escrita (artigo, ensaio...) traz sua carga conativa (ou apelativa), afinal, escreve-se para se ser lido. Há sempre em cada texto um convite sutil para que o leitor aceite seus argumentos e sugestões, um apelo a que se embarque em sua jornada, em suas ideias e as aceite.

Sugestão de alteração: *Se hoje as mulheres precisam diariamente lutar para serem reconhecidas, no século XVIII a situação era muito pior.*

2. A inclusão do autor do texto (eu) de modo direto

Esta sugestão completa a anterior, pois não devemos usar a subjetividade ou a primeira pessoa (eu, meu, meus...) num texto acadêmico. Os argumentos devem ser usados de modo indireto e objetivo.

(...) Exponho essas reflexões, pois não devemos esquecer o que nos constituiu como (...)

Sugestão de alteração: Tais reflexões nos levam a questionar se se deve avaliar o que constituiu uma pessoa...

Outro caso:

*(...) deparo-me com a alfabetização científica, **onde** a voz (...)*

Sugestão de alteração: Ao deparar-se com a alfabetização científica, na qual a voz... Ou ainda: Ao ser deparado com a alfabetização científica, na qual a voz...

3. Os coloquialismos, que são próprios da linguagem oral

(...) Muitas mulheres eram enviadas para conventos, assim sua honra estaria preservada, não teria riscos de se envolver com rapazes indesejáveis. (...)

Arrumando o texto, ficaria: Naquela época, costumava-se enviar as mulheres (ou moças, ou as jovens) a conventos. Com tal procedimento, sua honra estaria preservada, não havendo riscos de elas envolverem-se em relacionamentos indesejáveis.

Outro exemplo de coloquialismo:

(...) Dificilmente ela poderia casar com outro rapaz. (...)

O verbo “casar” é comum em uma linguagem informal, cotidiana, familiar. Porém, em um texto mais formal, devemos usá-lo com o pronome “se”: casar-se. Sugestão de alteração: Dificilmente ela poderia **casar-se** com outro rapaz.

4. Os chavões

Chavão é uma frase feita, que se desgastou pelo uso e abuso. São frases que foram e são faladas, repetidas continuamente e, portanto, já estão desgastadas, transformando-se em “lugares comuns”, clichês ou estereótipos e até os ditos populares. Devemos evitá-las na redação, pois, muitas vezes, trazem falsas verdades. Até os ditos populares são chavões. Por esse motivo, devem ser evitadas num texto que deve primar pela elegância e o bom tom, fazendo uso de uma linguagem mais cuidada e formal.

O site Guia do Estudante¹⁷ traz uma série de exemplos de chavões, tais como: “a

17 <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/redacao-para-o-enem-e-vestibular/chavoese-senso-comum-nas-redacoes-fuja-do-cliche/>> capturado em 02/01/2021.

pressa é inimiga da perfeição”, “a população precisa ser conscientizada”, “a natureza deve ser preservada”, “o homem deve parar de fazer guerras”, “todos os políticos são corruptos” (nem todas as pessoas são iguais, portanto não as devemos generalizar), “asiáticos são inteligentes” e outros mais bastante interessantes porque alguns deles não expressam verdades absolutas.

Vamos ao exemplo:

(...) Por conta disso, o objetivo deste trabalho é analisar (...)

A expressão “Por conta” foi tão usada que perdeu parte de sua expressividade. Sugestão de alteração: **Por tais aspectos aventados**, o objetivo deste trabalho é analisar...

5. As ambiguidades

Todo texto acadêmico deve ser objetivo, e a ambiguidade, ou o duplo sentido retira a clareza do texto, pois não se sabe se é x ou y o que o texto diz. Observemos o trecho seguinte:

(...) Nessa perspectiva, é notável que o eu lírico produz uma argumentação composta por uma série de comparações com a natureza e a maternidade presente nela, a fim de mostrar a Maria as belezas e maravilhas de ser mãe. (...)

Aqui a palavra “nela” gerou ambiguidade no período, pois, afinal, o autor refere-se a que/quem? À natureza?

Sugestão de alteração: Nessa perspectiva, é notável que o eu lírico produz uma argumentação composta por uma série de comparações com a natureza e a maternidade presente **nesta**, a fim de mostrar a Maria as belezas e maravilhas de ser mãe.

Mas, pensando bem, ainda não ficou totalmente claro o texto. A maternidade está presente na natureza? Ou na mulher?

Alterando ainda mais o texto: Nessa perspectiva, é notável que o eu lírico produz sua argumentação com base em uma série de exemplos retirados da natureza, isto é, de fêmeas no momento da maternidade para, com isso, mostrar a Maria as belezas e maravilhas de ser mãe.

6. Os trechos truncados

(...) Na segunda parte, foram analisados fragmentos de dois poemas, tanto a lira I quanto a lira XXXVI exaltam a beleza da pastora. (...)

A pontuação ajuda a elucidar o texto. Nesse, há duas partes relatadas, mas não

se sabe do que se fala exatamente, pois há também dois poemas referidos (a lira I e uma suposta lira 36?). A organização de um parágrafo auxilia o texto e sua clareza. Sugestão de alteração: Na segunda parte da Lira, foram analisados fragmentos de dois poemas, **nos quais se percebe que** tanto a parte I quanto a outra (lira 36) exaltam a beleza da pastora.

7. A inadequação vocabular

Já falamos da inadequação de algumas palavras em um texto acadêmico. Neste caso, vemos uma repetição do conectivo sem necessidade:

(...) qualquer prática alfabetizadora possui características próprias que consideram uma perspectiva do que é linguagem escrita, língua, texto, alfabetização, aluno, ensino e aprendizagem; logo por isso que essas formas de alfabetizar divergem-se em alguns momentos (...)

Aqui se deve escolher uma ou outra palavra (logo ou por isso). Atentar também para a pontuação. Sugestão de alteração: (...) qualquer prática alfabetizadora possui características próprias que consideram uma perspectiva do que é linguagem escrita, língua, texto, alfabetização, aluno, ensino e aprendizagem; **por isso, tais** formas de alfabetizar divergem-se em alguns momentos... (ou: logo, essas formas...)

Outro exemplo:

(...) E independente de concepções (...)

O advérbio “independentemente”, uma classe gramatical que indica circunstância (de tempo, modo, lugar, dúvida, intensidade, afirmação e negação), assim como o adjunto adverbial (só que este amplia tais circunstâncias), muito usado na linguagem coloquial com a forma “independente” por questão de economia (lei do menor esforço), não deve ser empregado em um texto acadêmico, o qual requer uma linguagem mais cuidada, própria da língua culta. Sugestão de melhora: E independentemente de concepções...

E os exemplos abundam:

(...) Além disso, na segunda parte, a prisão em decorrência da acusação de ser um dos inconfidentes (...). Nesta parte, o eu lírico é tomado por pessimismo (...)

A expressão “Nesta parte” (que repete a palavra parte) não é adequada a um texto acadêmico. Poderíamos trocá-la por outra menos informal, a exemplo de “Neste excerto”, “No trecho citado”, “Na passagem citada” ou “No fragmento”. Há inúmeras formas de substituir um vocábulo coloquial por outro mais formal. A forma de enriquecer o vocabulário é a leitura, com ela, ganha-se traquejo com as palavras naturalmente, sem artificialismos. Quando se fala em usar uma linguagem mais formal, não significa que devemos usar palavras difíceis ou herméticas, pois o texto corre o risco de ficar pedante. Nada como uma redação simples, direta e objetiva.

Atente para o fragmento:

(...) *Pois a sociedade escravista em que se viviam era movida pela mineração.* (...)

Não há necessidade do “se” nessa oração. Existem alguns modos de melhorá-la: Em que viviam ou Em que se vivia. Escolha a que melhor lhe parecer!

Mais um caso de inadequação vocabular:

(...) *Outrem que detém destaque é a voz da Consciência fonológica, que compreende-se como* (...)

Reescrevendo de modo simples, direta e objetivo, sem “rococós”, isto é, sem artificialismos: Outra que se destaca é a voz da consciência fonológica, que se compreende como...

8. As repetições

A repetição – não de palavras, mas de ideias harmoniosas –, por si só, não compromete a redação, pois ajuda na coerência do texto. Mas a repetição excessiva denota pobreza vocabular, indicando que o redator possui pouca leitura e vocabulário limitado. O **que** é uma das palavras que mais costumamos repetir, em nosso discurso, seja na linguagem oral ou escrita, pois se trata de um importante elemento de coesão – geralmente uma conjunção ou um pronome relativo, mas podendo assumir outras classes gramaticais. Ou seja, um importante vocábulo que une principalmente orações. Sua reiteração é um barbarismo ou vício de linguagem (chamado acumulação) que devemos evitar num texto acadêmico. Vejamos, então, algumas dicas para evitar sua repetição.

8.1. Troque o **que** por outro pronome relativo. Quando se trata de pessoa, o pronome relativo pode ser substituído por **quem**.

É ela que vai substituí-lo. (O pronome **que** refere-se à pessoa **ela**.)

(...) É ela quem vai substituí-lo. (...)

8.2. Troque uma oração pela forma nominal do verbo: infinitivo (ser, terminar), gerúndio (terminando) ou particípio (terminada).

Exemplo: Ela afirma **que** é sua amante.

Forma nominal do verbo: Ela afirma *ser* sua amante.

Outro exemplo¹⁸: Assim **que** terminar a chuva, iremos para casa.

Forma nominal do verbo: Ao *terminar* a chuva, iremos para casa.

Ou: *Terminada* a chuva, iremos para casa.

Ou: *Terminando* a chuva, iremos para casa.

18 Tais exemplos constituem-se em orações subordinadas reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

Ou: Quanto terminar a chuva, iremos para casa.
Desse modo, evita-se a repetição do **que**.

8.3 Troque a oração substantiva por um nome (substantivo):
Quero que volte urgentemente. (“que volte urgentemente” é a oração).
Quero sua volta urgentemente. (“volta” é nome: substantivo)

A seguir, exporemos alguns exemplos do uso indevido da repetição:

*(...) nos encontros diretos com as **alfabetizações**. Para tal, recordo inicialmente o meu processo de **alfabetização**, por meio de conversas com minha família e através de um livro didático, utilizado na minha **alfabetização** (...)*

Reescrevendo de modo mais econômico: (...) em nossos encontros diretos. Para tal, recordo meu processo de alfabetização, por meio de conversas com minha família e através de um livro didático, utilizado por ocasião de meu letramento...

Outro exemplo:

*(...) Na segunda **parte**, foram analisados fragmentos de dois poemas, nos quais se percebe que, tanto a **parte I** quanto **parte II** exaltam a beleza da Musa. (...)*

Não há necessidade de repetir a palavra “parte” nesse trecho. Para substituir termos já usados, devemos utilizar mecanismos como os sinônimos, pronomes (que são palavras que substituem os nomes ou os acompanham) ou ainda deixá-los subentendidos. Reescrevendo esse trecho: No segundo momento, foram analisados fragmentos de dois poemas, nos quais se percebe que tanto a primeira parte quanto a segunda exaltam a beleza da Musa. (Sem vírgula depois do “que”.)

Terceira Parte:

Alguns aspectos específicos do texto acadêmico: as citações

Há basicamente dois tipos de citações: as diretas e as indiretas. Ambas são importantes porque todo trabalho de pesquisa exige muita leitura. As primeiras ocorrem quando o autor do texto cita um escritor, filósofo ou teórico, fazendo referência a suas palavras *ipsis litteris* (literalmente), em sentido literal, copiando exatamente o que ele escreveu. Deve-se, pois, pôr esta citação entre aspas do início ao fim. As indiretas é quando você escreve com suas palavras sobre o que leu/entendeu de determinado autor/teórico, mas sem alterar suas ideias.

1. As citações diretas

Iniciamos ilustrando esse tipo de citação, aquela que reproduz fielmente as pa-

lavras de outro autor do modo exato que encontrado na fonte, sem retirar nada, sequer uma vírgula que foi empregada no original. Eis um exemplo de Sales (2020b, p. 86):

(...) A análise de dados ou de conteúdo é, segundo Bardin (1995, p. 31), um

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadoras (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A citações diretas, separadas ou isoladas em um parágrafo, precisam apresentar-se em espaço simples (1.0) entre as linhas e com espaço (tabulador, na tecla “tab”) variando de 1 a 4 centímetros para marcar que se trata de outro parágrafo iniciado. Devem, pois, ser destacadas, diferenciando-se do restante do texto (que, normalmente, tem espaço 1.5, mas que este pode variar, dependendo da revista acadêmica). Lembre-se de que há inúmeras normas técnicas; ABNT (a brasileira), APA (norte-americana) e outras mais. Observe como até a grafia dessa citação foi copiada fielmente ao que escreveu Bardin, com a palavra “objetivos”, conforme o português de Portugal (“objectivos”), com “c” antes do “t”, diferente, portanto do português brasileiro, o qual dispensa a letra “c”.

Agora, para não restar mais dúvidas, mais exemplos de citações diretas, isto é, frases, orações e períodos de outros autores consultados, lembre-se: registrar conforme está no livro, artigo etc. e até mesmo os erros como o autor/teórico escreveu. Não se pode alterá-los, corrigi-los, porém, se isso ocorrer, deve-se usar a marcação: *sic* – entre parênteses. Este é um termo latino que significa “exatamente assim”. Desse modo, fica claro que o erro não é do redator mas do teórico. O exemplo a seguir foi colhido de Sales (2020a, p. 185):

(...) À vista disso, hoje ainda nos perguntamos: quem é o índio brasileiro? O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro o designa como “todo indivíduo reconhecido como membro de uma comunidade de origem pré-colombiana, que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerado indígena pela população brasileira com que está em contato”, de acordo com o registro de Berta Ribeiro (2009, p. 29).

As citações diretas, quando ultrapassam três linhas, devem ficar destacadas em outro parágrafo sem o uso das aspas. Apenas as que não excedem esse limite ficam no parágrafo junto com a redação do próprio pesquisador, destacadas com aspas, registrando-se autor, ano de publicação e página(s). Citam-se apenas as palavras do autor que forem **absolutamente** necessárias e para as demais, devemos fazer paráfrase(s) – citação indireta –, pois as muito longas não são bem vindas. Precisamos reduzi-las e uma saída é suprimir alguma parte da citação, usando reticências dentro dos parênteses:

Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas, grafemas, para codificar ou decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para direita (...). Essa é, então uma porta de entrada indispensável. A outra via, ou porta de entrada, consiste em desenvolver as práticas de uso dessa técnica (SOARES, 2003, p. 15, 16).

Coloca-se, portanto, apenas o que é mais relevante na citação. As demais informações ficam suprimidas. Lembre-se de que o texto acadêmico tem de ser seletivo (deve-se escolher o que mais importa ao tema), criterioso e usar de artifícios para não se tornar uma leitura muito longa, o que pode torná-la enfadonha. Clareza, objetividade e correção são os três elementos mais importantes em um texto desse calibre. Com tais elementos, consegue-se a elegância, que é o mais atraente ao leitor de qualquer natureza.

2. As citações indiretas

As citações indiretas são mais livres quanto à grafia e redação porque são o resultado da leitura de estudiosos em suas fontes. Vejamos exemplos de citações indiretas, isto é, feitas com as próprias palavras do redator, que funcionam como resumos ou paráfrases de outros autores consultados. Estes exemplos foram colhidos em Sales (2020a, p. 23, 38, 42, 63) respectivamente:

(...) Os estoicos, herdeiros do pensamento de Diógenes, consoante pesquisa de Nussbaum (2005), defendiam que o bom cidadão é o *world's citizen* (...)

(...) Há também as demais relações, envolvendo hierarquias, direitos e deveres, dependência e independência, liberdade e autoridade (Morgado & Pires, 2010; Huntington, 1997). (...)

(...) A partir de conceitos de autores como Candau (2006; 2013; 2016), Lobo (2008), Stoer (2008), Kincheloe e Steinberg (2012), Morgado e Pires (2013), Moreira e Câmara (2013), Henson (2015), situamos nosso trabalho no contexto multicultural, do multiculturalismo e da educação multicultural.(...)

(...) Os estudos confirmam (França, 2008; N. L. Gomes, 2012; Graúna, 2013; Lima & Castilho, 2013; G. de A. Pereira, 2014; Almeida & Saravali, 2015; Villela, 2016), embora a ciência ateste que não existem raças diferentes no mundo, mas apenas uma raça, a humana. (...)

Observe: o que se afirma no texto não sai da cabeça do redator como um toque mágico, mas sim um produto de trabalho com as leituras, devidamente ratificadas cientificamente. Atente que todos os exemplos citados são registrados com as páginas dos originais exatamente como encontradas, pois, do contrário, seria plágio. O texto acadêmico é resultado de um trabalho de leitura, análise e reflexão teórica de quem deseja colaborar com o saber e não de um sujeito que, simplesmente, se apropria do

trabalho de outro, afanando-o. Todos os argumentos e ideias explanadas devem-se basear em referenciais teóricos. Poderemos citar um autor com o qual identificamos nosso pensamento, porém, se citarmos mais de um teórico como referência, nossos argumentos ficarão mais ainda confirmados e reafirmados (e enriquecidos), sem deixar nenhuma dúvida ao leitor. Isso é o que acontece em outro exemplo de Sales (2020b, p. 8), na introdução de seu trabalho:

Para sustentar este trabalho, apoiamo-nos em Camara Cascudo (1962, 1976, 1984, 2002), Sílvio Romero (1954), Vladimir Propp (1984) e José Coutinho de Oliveira (2007) para o estudo folclórico e dos contos populares. Para as pesquisas que entrelaçam mito, literatura e simbologia, recorreremos a Pierre Brunel (2005), a Mircea Eliade (2007), a Joseph Campbell (1994) e a Chevallier & Gheerbrant (1988), como bem a antropólogos como Maués & Villacorta (2008) no estudo dos seres encantados relacionados à religião cabocla.

Observe que Camara (o nome do estudioso Camara Cascudo) está grafado sem acento gráfico, pois é assim que aparece em seus livros. E quanto mais pesquisamos em fontes confiáveis e numerosas, melhor ficará nossa redação, uma vez que são pontos de vista diferentes, visões diferenciadas, mas sobre um mesmo tema. À medida que vamos lendo sobre determinado assunto, mais vamos descobrindo novas nuances. Um novo mundo se vai abrindo e se você gosta do tema de estudo irá se apaixonar cada vez mais.

3. As citações soltas

Não deixe citações soltas. Estas devem ser sempre explicitadas antes ou após aparecerem no texto. Toda vez que fizer uma citação, comente-a. Não as deixe soltas, principalmente se tratar-se das citações diretas, pois o sentido e a clareza do texto ficam comprometidos. Também não é bom que sejam muito longas. Prefira aquelas mais breves e, se for o caso, faça paráfrases ou resumos de tais citações ou de parte delas. As citações longas enfastiam a leitura e podem denotar preguiça do redator. Exemplo:

Cabe assim observarmos estudos que já identificaram outras duas questões sobre a circulação destes conteúdos nos acervos disponíveis sobre a temática abordada:

(...) A segunda tendência representacional produz e enaltece a íntima articulação entre índio e natureza. Nesse sentido, a maioria das histórias cujos protagonistas são índios situa-nos como habitantes da mata, zelosos e cuidadosos com os animais, capazes de “ler” os sinais da natureza, observadores atentos do meio em que vivem, bem como poucos racionais nas formas de explicar certos fenômenos.

Por fim, uma terceira tendência representacional parece ser a apresentação exaustiva de lições sobre a vida indígena. Assim, em muitas dessas obras se

expressa um acentuado teor pedagógico e os ensinamentos visam a informar o leitor sobre certos aspectos do cotidiano, da língua, da etnia, da localização geográfica dos povos descritos nas narrativas. Nas produções literárias de autoria indígena, observa-se particularmente esta tendência, bem como um esforço em problematizar a imagem genérica de índio, de um lado, e em estabelecer outros cenários a partir dos quais as crianças poderiam vislumbrar o dinamismo das culturas indígenas, de outro. Ressalta-se que essas representações têm sido discutidas em artigos acadêmicos de publicação recente, elaborados por pesquisadores que integram os projetos de pesquisa anteriormente mencionados (Silveira, 2012, p. 216).

Outra informação importante: não se deve fazer citação na conclusão, pois esta constitui-se como uma somatória de inferências feitas pelo estudioso (redator do texto acadêmico) acerca de tudo o que ele propôs e argumentou (ou contraargumentou) durante o processo da pesquisa, de suas leituras após todo o percurso traçado, de descobertas realizadas somente por ele mesmo. Portanto somente este (o autor) pode fazer suas conclusões, considerações finais acerca do artigo ou ensaio.

E, finalmente, não devemos fazer afirmação sem embasamento teórico. Toda e qualquer assertiva deve ser embasada em autores consagrados e reconhecidos no meio científico no Brasil e no exterior e, de preferência, sempre atualizados. Não use citações muito antigas, o ideal é que sejam colhidas em artigos, livros atuais ou de, no máximo, cinco anos. As ideias são constantemente atualizadas, novos conceitos vão sendo explanados a todo momento e novas descobertas realizam-se na ciência, que sempre apresenta o novo e suas facetas inovadoras.

4. A fidedignidade

Precisamos ser fiéis ao que determinado autor escreveu e a suas ideias. Num texto dessa natureza, jamais se pode fazer alguma afirmação ou declaração sem antes verificá-la. Deve-se checar os dados e informações e, somente depois, partir para a redação. Lembre-se: só se pode afirmar algo no artigo se se puder provar. Vamos a dois casos em que esse fenômeno ocorreu:

Bárbara Heliodora impediu Alvarenga Peixoto de delatar os seus companheiros inconfidentes. (Onde está ou estão as referências?)

Segundo Massaud Moisés, o poeta nasceu no Porto. (Falta a referência. Quem afirmou isso?)

5. Atenção aos detalhes

(...) por múltiplas perspectivas, que visam contribuir consideravelmente¹⁹ no âmbito
19 Atenção ao usar advérbios. Alguns deles não acrescentam nada às ideias do texto. É o que ocorre com tal exemplo. Se não contribuírem, não devem ser usados.

escolar, segundo (CAGLIARI, 1998).

O nome do autor citado deveria estar **fora** dos parênteses desse trecho e com data de publicação dentro destes: (...) por múltiplas perspectivas, que visam contribuir no âmbito escolar, segundo Cagliari (1998).

Ou pode aparecer **dentro** dos parênteses, junto com a data de publicação: (...) por múltiplas perspectivas, que visam contribuir no âmbito escolar (CAGLIARI, 1998)...

Outro exemplo idêntico:

(...) Essas propostas voltadas para a aquisição da leitura e escrita, marcam o quarto momento crucial da alfabetização, segundo (MORTATTI, 2010) (...)

Arrumando o trecho: Essas propostas, voltadas para a aquisição da leitura e da escrita, marcam o quarto momento crucial da alfabetização, segundo Mortatti (2010)...

Ou: Essas propostas voltadas, para a aquisição da leitura e escrita, marcam o quarto momento crucial da alfabetização (MORTATTI, 2010)...

Mais um exemplo:

(...) Como bolsista Pró-doutor, deparo-me com a alfabetização científica, onde a voz de (CARVALHO, 2013)...

Deixando o trecho em ordem: Como bolsista Pró-doutor, deparo-me com a alfabetização científica, cuja voz de Carvalho (2013)...

É imprescindível a exatidão de informações coletadas na citação, portanto saiba como registrá-las corretamente:

(...) as “disputas entre os defensores da nova perspectiva construtivista e os antigos testes de maturidade e dos antigos métodos de alfabetização” (MORTATTI, 2009, pp.94).

Quando precisar citar a página, ou seja, quando se tratar de citação direta, as palavras do autor devem ser copiadas exatamente como estão nos livros ou artigos, mesmo com erros, se houver – nesse caso, deve-se usar a expressão, entre parêntese: (*sic*) em itálico, conforme já falado. Não devemos e não podemos mudar sequer uma vírgula do texto original. E quando citar a página, se for uma apenas, devemos pôr um “p” minúsculo seguido de ponto. Em algumas normas, nem é necessário pôr o “p” de página, às vezes, após o ano de publicação, colocam-se dois ponto (:) e a página citada. Não se usam dois pês (pp) quando se cita somente uma página: as “disputas entre

os defensores da nova perspectiva construtivista e os antigos testes de maturidade e dos antigos métodos de alfabetização” (MORTATTI, 2009, p. 94). Ou: (...) e os antigos testes de maturidade e dos antigos métodos de alfabetização” (MORTATTI, 2009: 94).

Quanto ao assunto da clareza, ainda há que destacar, na citação, que, se aparecerem itálicos, negritos ou grifos, estes devem ser esclarecidos como do autor referido pelo redator, ao qual se recorreu na fonte da pesquisa, para não se confundir com as palavras do redator do próprio texto (artigo...). Se não o fizer, causará ambiguidade à redação, pois não se sabe se a ênfase foi dada por um ou por outro. Veja como se evita uma possível obscuridade em seu texto, no exemplo de Sales (2020a, p. 60):

E a língua que usavam teve “*uma função didático-religiosa*” e “*política*”, apenas para que os religiosos pudessem governar e manipular os índios (Orlandi, 2008, p. 93 [Itálicos da autora]).

Há que se diferenciar, obrigatoriamente, se os itálicos (grifos ou negritos) são nossos (autoria nossa) ou de autores por nós citados por questão de clareza e de honestidade do texto. A ética também é exigida num trabalho científico.

6. A pontuação na citação

Observe o trecho abaixo:

Outra perspectiva advém do Letramento com a voz de Magda Soares, que compreende a alfabetização como sendo uma técnica e o letramento como o uso deste referido dispositivo,

Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas, grafemas, para codificar ou decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para direita; enfim envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. Essa é, então uma porta de entrada indispensável. A outra via, ou porta de entrada, consiste em desenvolver as práticas de uso dessa técnica. Não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la. SOARES, p. 15 e 16, 2003.

Uma forma de melhorar a redação desse texto seria usar os dois pontos antes da citação direta:

Outra perspectiva advém do Letramento com a voz de Magda Soares, que compreende a alfabetização como sendo uma técnica, e o letramento como o uso deste referido dispositivo:

Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas, grafemas, para codificar ou decodificar. (...) Não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la. SOARES, p. 15 e 16, 2003.

Um outro problema dessa citação é que faltaram os parênteses e dentro deles

faltou primeiro referir o ano de publicação da obra consultada e, somente depois, as páginas, conforme reescrito a seguir:

Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas, grafemas, para codificar ou decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para direita; enfim envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. Essa é, então uma porta de entrada indispensável. A outra via, ou porta de entrada, consiste em desenvolver as práticas de uso dessa técnica. Não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la (SOARES, 2003, p. 15, 16).

7. O Plágio

Já que falamos na ética de um trabalho acadêmico, outro quesito importante é o plágio, o qual devemos evitar por questão de honestidade científica. Não devemos nos apropriar do texto, das palavras de outros autores. Para evitar o plágio, basta citar as fontes pesquisadas. Observemos o que diz, acerca do plágio, uma importante Revista Científica²⁰:

(...) Ainda considerando aspectos éticos, é essencial que:

- nenhum dado, texto ou ideia de outrem seja apresentado como se fosse de autoria do(s) autor(es), isto é, o texto submetido **não pode conter plágio**. Para evitar que isto aconteça, é obrigatório fazer referência à publicação original do dado, texto, ou ideia, independente de ele ter sido citado literalmente, resumido, ou parafraseado. No caso de citação literal, o(s) autor(es) deve(m) usar aspas. No caso de material protegido por copyright, o(s) autor(es) deve(m) anexar a devida permissão para o uso do mesmo;
- nenhum dado, imagem ou gráfico tenha sido fabricado ou manipulado de forma a dar suporte a alguma conclusão do(s) autor(es);
- o(s) autor(es) não cometam autoplágio, isto é, não usem partes substanciais de seus trabalhos prévios no manuscrito. (...)

Os Anexos e Apêndices

Anexos são textos, fotografias, desenhos, gráficos, entrevistas, guias etc., que se adiciona ao nosso texto e que não foram elaborados por nós. E os apêndices constituem tudo (textos, fotografias, desenhos, gráficos, entrevistas, guias etc.) o que fizemos a mais em nosso trabalho e que devem constar no final do trabalho para maior clareza deste e também consulta do leitor.

²⁰ Retirado, em 13/11/2020, do site:

<<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/about/submissions#authorGuidelines>>>

Se você entrevistou alguém e precisou elaborar as questões dessa entrevista, o trabalho é seu e faz parte dele. Então devem estar bem organizados numa parte especial: no final do texto. Portanto, a diferença entre anexo e apêndice está na autoria destes dois componentes que integram a sua pesquisa. Não há necessidade de haver ambos, pode ser apenas um anexo ou um apêndice ou mais, de acordo com a necessidade laboral.

Palavras finais

Este trabalho tem formato ensaístico, resultando como produto de anos, décadas de estudo, ensino e dedicação a uma profissão amada: o magistério. Ele procurou não se ater muito às gramáticas (existentes abundantemente), por suas regras já fazerem parte do repertório da autora deste, e a usar alguns trechos de redações de estudantes, mas também de fragmentos da literatura, sobretudo brasileira, paixão que inunda a vida desta autora. Entretanto não há como escrever bem, desconhecendo alguns fenômenos da língua e a gramática nada mais é do que a própria língua escrita (e falada), seus mecanismos de melhor orientação e expressão da forma mais prática, eficiente e correta, seus caminhos sistemáticos mais diretos de se fazer entender na língua portuguesa.

Hoje se lê bastante, mas leitura truncada – de pouca qualidade, haja vista as redações escolares. Também se escreve todo o dia mensagens instantâneas: palavras e frases (às vezes nem lidas) na era da informação. Encontramo-nos nas redes sociais, na internet, *chats*, celulares, computadores etc.; não obstante, paradoxalmente, desaprendemos a dialogar, a tolerar o Outro. É preciso reinventar o diálogo, a palavra comunicável da harmonia. Uma comunicação verdadeira que fale e também escute esse Outro que pensamos ser diferente de nós, mas que, se olharmos de perto e com atenção, é um de nós, eu sou o Outro e este também sou eu.

Num mundo falsamente conectado, estudantes reclamam sentir dificuldade de escrever, principalmente academicamente. Esquecem que para escrever basta ler, mas ler atentamente e com autonomia, criando mecanismos de refletir acerca do que leram e desenvolvendo seu senso crítico. Só assim a redação brotará, a partir da dedicação às boas leituras e da consequência delas: a compreensão e depois a interpretação, esta última um estágio mais avançado. Primeiro compreende-se e, após, adquire-se a independência da percepção do lido: criamos nosso próprio texto, produto de amadurecimento.

Por fim, estudar é uma questão mesmo de gosto. De sentir prazer em descobrir novos pensamentos de um cientista, professor, filósofo, romancista, poeta etc., é uma opção pessoal, pois não somos obrigados a escrever dissertações ou teses de doutorado; no máximo, artigo(s) na faculdade. Estuda-se porque o saber, os sábios estão aí no mundo (ou já estiveram) para dar mais de si, através do conhecimento. Eles são a luz no meio da escuridão em que vive o mundo hoje, uma esperança de esclarecimento e aprimoramento do homem em busca de conhecimento e autoconhecimento. Ler é o caminho. E escrever, a mais bela consequência desse ato apaixonado, que é a literatura. Vamos? Tudo é só uma questão de começar!

Referências bibliográficas

- Almeida, José Américo de. **A bagaceira**. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- Amado, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro d'Água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Azeredo, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Publifolha, 2012.
- Bechara, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- Larêdo, Salomão. **Sibele Mendes de Amor e Luta**. Belém: Falangola Editora, 1984.
- Lins, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Medeiros, João Bosco. **Redação científica: prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- Menezes, Bruno de. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Vol. 1. Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993.
- Munduruku, Daniel e Prieto, Heloisa. **Vó coruja**. Ilustrações de Daniel Kondo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- Sales, Maria da Luz Lima. **A oralidade nas obras infantis D. Quixote das Crianças e Histórias de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato: Dona Benta e Tia Nastácia, as contadeiras de histórias**. I Simpósio de Literatura Infantojuvenil e Formação de leitor na Amazônia. 6-8 de nov. de 2013. UFPA, Belém, Pará.
- Sales, Maria da Luz Lima. **Literatura Infantil Indígena: um caminho para a empatia**. Rio de Janeiro: Taurite, 2020a.
- Sales, Maria da Luz Lima. **Imaginário juvenil na Foz do Amazonas: boto, Maria Vivó e Matinta Perera**. Arco Editores: Santa Maria, 2020b.
- Saramago, José. **Todos os nomes**. Círculo de Leitores. Editorial Caminho: Lisboa, 1997.
- Savioli, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 10 ed. Ática: São Paulo, 1991.
- Telles, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr-do-sol e outros contos**. Ática: São Paulo, 1989.

Maria da Luz Lima Sales

Natural de Belém do Pará, Maria da Luz Lima Sales é Mestre e Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora (Portugal), graduada em Letras e Especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Exerce o magistério desde 1985 e é professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) desde 1994. Têm atuado em projetos que envolvem a literatura em geral e infantojuvenil, com ênfase na educação multicultural como facilitadora para aceitação da cultura indígena em nossa sociedade.



www.arcoeditores.com



[/arcoeditores](https://www.facebook.com/arcoeditores)

ARCO
EDITORES



[@arcoeditores](https://www.instagram.com/arcoeditores)



contato@arcoeditores.com